UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras
Departamento de Letras Orientais
Programa de Língua Hebraica, Literatura e Culturas Judaicas

Lígia Nice Luchesi Jorge

**Rua de mão única:
estudo do espaço no romance *Passado Contínuo*
de Yaakov Shabtai**

Exemplar Revisado

São Paulo, dezembro de 2011

LÍGIA NICE LUCHESI JORGE

**Rua de mão única:
estudo do espaço no romance *Passado Contínuo* de Yaakov Shabtai**

**Dissertação apresentada à Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São
Paulo como exigência parcial para
obtenção do título de mestre.**

Orientador: Prof. Dr. Moacir Ap. Amâncio

Exemplar Revisado

São Paulo, dezembro de 2011

Dedicatória

***Aos que ousam ocupar
e desobedecer***

Agradecimentos

Agradeço à CAPES pelo suporte material durante parte desta pesquisa.

Meus mais sinceros agradecimentos aos queridos amigos: Ariele Vagner Lins, Carolina Nóbrega, Gustavo Prieto e Elisa Verdi, João Rodrigues e Angélica, Jackline Silveira, Carlos de Carvalho Ferreira, Erivaldo Cavalcanti e Ana Paula Salviatti, Júlio Horto Silva, Aparecido da Silva e Juliana Henrique, sem os quais a vida acadêmica seria uma seara por demais árida.

Leopoldo Barbosa, Lucas Itacarambi, José Roberto da Silva e Manuel Hursato, agradeço especialmente.

Aos meus queridos Gabriel Mordoch e Giselle Singer e à pequena Daniela, ausentes no espaço e presentes no tempo.

À família querida, Priscila, Nelson, Vinicius e Rita, também recém-chegada ao mundo.

Um salve geral pra galera da poesia da rua da política de agora: Rafael, Luciana, Grubi Willian Dune, Jéssica, Amanda, Sálvio e o pequeno Emílio.

Um obrigada especial aos funcionários do Departamento de Letras Orientais: Luis, Maribel, Jorge, Patricia e Álvaro. E também ao colega de monitoria no Centro de Estudos Judaicos, Amílcar Gonçalves de Moura. Aos meus colegas de pós-graduação: Marcus Hubner, Irrael Júnior, Miriam Sílvia, Candido Sousa e Claudia R. Gama Garcia.

Gostaria de citar todas as professoras e professores da área de Hebraico: Suzana Chwartz, Eliana Langer, Berta Waldman, Marta Topel, Reginaldo Araújo, Gabriel Shvartzman, Saul Kirshbaum, Luis Krauss. Meus agradecimentos à professora e tradutora Nancy Rozenchan, a qual me exortou durante este trabalho.

Minha mais sincera admiração e respeito ao meu orientador, o poeta e tradutor Moacir Amâncio, sem o qual, pela infinita paciência e pelo conhecimento inesgotável, este trabalho não seria possível.

Uma homenagem ao meu pai, Raul, e minha mãe Elena; e irmãs, Ellen e Luci, pelo incentivo e confiança.

O mais especial agradecimento àquele que esteve presente continuamente, Duílio Elias.

Se há acertos nesse trabalho, devo a vocês.

FOLHA DE APROVAÇÃO

.....
Prof. Dr:

.....
Prof. Dr:

.....
Orientador Prof. Dr: Moacir Amâncio

RESUMO

JORGE, L. N. L. **Rua de mão única: estudo do espaço em *Passado contínuo* de Yaakov Shabtai.**

Yaakov Shabtai (1934-1981), escreveu *Passado Contínuo – A lembrança das coisas*, seu primeiro romance, quase trinta anos após a fundação de Israel, que saía de sua terceira guerra em 30 anos de existência. O romance expõe a vida de três homens, suas relações amorosas e familiares, seus projetos e frustrações, relacionando inúmeras outras personagens que afluem e somem ao longo do enredo. Seu cenário e também personagem é Tel Aviv, o qual será analisado sob o viés de Walter Benjamin em suas críticas ao processo de modernização de Paris como capital do século XIX. A hipótese de trabalho é que a mudança no contexto histórico, o pós-sionismo, entendido como outra elaboração para a história nacional de Israel, exigiu do escritor competente a articulação entre modos de contar mais complexos e questionadores, como uma meta-narrativa a qual influencia a criação de novas técnicas de escrita ficcional para a representação da cidade histórica ficcionalizada.

PALAVRAS-CHAVES: Shabtai, Tel Aviv, Sionismo, espaço literário.

ABSTRACT

JORGE, L. N. L. **One hand street: space study in Yaakov Shabtai's *Past Continuous*.**

Yaakov Shabtai (1934-1981), wrote *Past Continuous*, his first novel, almost thirty years after the foundation of Israel, out of third war in 30 years of its rise. The novel exposes the lives of three men, their relationships and families, their projects and frustrations, showing numerous other characters who flock and disappear over the storyline. His scenario, and also a character, is Tel-Aviv, which will be analyzed under the bias of Walter Benjamin in his criticism on the modernization of Paris as the capital of the nineteenth century. The hypothesis is that the changes in the historical context, post-Zionism, understood as another narrative to the national history of Israel, required the coordination between the competent writer in order to tell more complex ways and questioning, as a meta-narrative which influences the creation of new techniques of writing so as to represent the city's historical into the fictionalized way.

KEY-WORDS: Shabtai, Tel Aviv, Zionism, literary space.

Sumário

Introdução	p 09
Capítulo um	p 13
Capítulo dois.....	p 35
Anexos	p 78
Bibliografia.....	p 81

Introdução

O judeu encontrou um caminho na estrada da modernidade. Ele também é o *talush*¹, o desenraizado do mundo judaico às portas dos Estados-nação; talvez ele descubra que não há mais estradas por onde ir e contemple Tel Aviv, impressionado com o que foi construído e destruído. A primeira cidade judaica da modernidade tem como marco histórico o sorteio, em 1909, de lotes arenosos para a construção de um bairro moldado como as cidades-jardins² comuns nos subúrbios norte-americanos³. A cidade hoje, em relação ao restante do país, é o centro financeiro e tecnológico e sua força de trabalho possui renda treze por cento superior à do restante do país⁴.

Yaakov Shabtai (nascido em 1934 na Palestina e morto em 1981 em decorrência de um ataque cardíaco), escreveu *Passado Contínuo – A lembrança das coisas*⁵, seu primeiro romance, único finalizado, quase trinta anos após a proclamação do Estado de Israel. Esta obra foi chamada pelo *New York Times*, à época de sua tradução ao inglês, de “o novo platô na ficção hebraica contemporânea”⁶, o original foi editado com cerca de 282 páginas (1994), em mancha tipográfica contínua – que se perdeu na edição em inglês. Enquanto era escrito e publicado, Israel saía de sua terceira guerra em 30 anos de fundação e, de certa forma, começava a lidar com o trauma da Shoá⁷ herdado dos

¹ Palavra hebraica que “significa arrancado, desenraizado, deslocado. É a versão judaica do homem sem território físico, cultural ou ambos”. AMÂNCIO, M. *Sagração Profana* (Aproximação à poesia de Yona Wollach), tese de livre-docência, FFLCH-USP, 2006.

² “Originally as a garden suburb of Jaffa”. Jewish Encyclopedia, p. 915.

³ Revista Morashá, internet, p. 1.

⁴ Prefeitura de Tel Aviv-Yafo, julho de 2006.

⁵ *Passado Contínuo*, tradução Nancy Rozenchan, Rio de Janeiro: Imago, 1996. זכרון דברים (*Zchiron Dvarim*), Ed. Hakibutz Hameuchad, 1977, 1985, 1994, 1998, 2004, 2005 e *Past Continuous*, tradução de Dalya Bilu, Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1985. Daqui em diante somente PC.

⁶ “(...) a new plateau in contemporary fiction”, “Homeland and Haywire”. Alan Lelchuk in The New York Times, 21/04/1985, acessado em 05/01/2009.

⁷ Termo preverível ao normalmente utilizado, holocausto, o qual possui acepção religiosa vinda

país europeus. Passada a euforia da conquista e a consolidação de suas instituições, o *status quo* nacional começava a ser questionado.

O objetivo é tecer aproximações sobre o romance, seu contexto histórico específico, intrincado ao processo de modernização. De modo que o viés escolhido para a análise foi o da estrutura espacial no romance. O imbricamento desses pontos trará algumas reflexões a respeito da arquitetura, especificamente a Bauhaus desenvolvida em Israel e seus questionamentos, a partir da experiência de leitura do espaço urbano de Tel Aviv, aqui ficcionalizado e apresentado com bastante cor de ruína.

A pesquisa bibliográfica sobre a modernização começou com leituras da obra traduzida de Walter Benjamin a partir de uma disciplina cursada na graduação⁸, principalmente as “Teses sobre o conceito de história”; além de “Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo” e “Paris, capital do século XIX”. Fui bastante incentivada pelo meu orientador a persistir na leitura de romances, tanto os do dezenove, quanto daqueles da 'crise do romance', especialmente interessou-me “Ulysses” de James Joyce e “Berlin Alexanderplatz”, de Alfred Döblin.

Já as referências sobre a análise espacial parecem bastante alijadas em favor das inúmeras referências à teoria da narratividade e ao tempo narrativo. Foi inevitável encontrar aproximações com as disciplinas da sociologia urbana, bem como a geografia. O primeiro autor a instigar o debate foi David Harvey, o qual não foi aplicado a este trabalho diretamente, mas que em seus capítulos teóricos, menos econômicos e mais

do texto bíblico significando sacrifício totalmente queimado.

⁸ Teoria da história II, ministrada por Jorge Grespan no segundo semestre de 2007, como aluna ouvinte.

críticos do planejamento urbano, foi uma forma interessante de pensar o espaço urbano. Já o contato com Henri Lefebvre deu-se, em um primeiro momento, a partir da sociologia, especialmente a leitura dialética do espaço, mas que não alçou distância considerável até então, o que fez com que eu voltasse aos escritos de Benjamin e a dois de seus comentadores: Willi Bolle e Susan Buck-Mors. Isto concomitante aos esforços por encontrar na crítica brasileira um suporte maior para a leitura do espaço, esforço terminado em Osman Lins e Antonio Candido.

É necessário dizer que a qualificação orientou o desenrolar da escrita ao permitir um salto qualitativo no tocante ao pensamento sobre a cidade a partir da literatura. O professor Maurício Vasconcelos trouxe a obra “Visions of the city” e, por ele, cheguei ao manifesto da Internacional Situacionista. No mesmo dia da banca meu colega João Rodrigues, emprestou-me duas consideráveis contribuições para a conclusão do trabalho: “Espaço e política” de Henri Lefebvre e “Internacional Situacionista – Deriva”. Cabe dizer também que a tese de doutorado de meu orientador, Moacir Amâncio chamada “Dois palhaços e uma alcachofra” foi o caminho de chegada para o difícil salto do término deste trabalho; uma feliz coincidência, previsível talvez para quem olhe de fora, mas acidental para mim.

No decorrer do trabalho foi necessário agrupar as duas famílias principais em tabelas, as quais foram transformadas em árvores genealógicas para facilitar a identificação dos personagens. O mapa do crescimento de Tel Aviv foi traduzido e adaptado por mim a partir do artigo de Iris Aravot.

Para aquele leitor acostumado aos termos da tradição israelita e ao contexto do nacionalismo judaico creio que haja explicação em demasia. Eu pensei em um leitor que

desconheça tais especificidades, mas que também não espere o formato tradicional das dissertações de mestrado. A divisão em capítulos ficou perdida nos entremeios da escrita e o rigor conceitual resvala mais nos aforismos, que no método exaustivo. E suscita dúvidas e aberturas, como vias novas. Espero somente apresentar uma leitura que não se pretenda salutar, nem definitiva, almejando o debate e o ensaio do fazer acadêmico calcado na imaginação, onde a utopia advenha da crítica.

“A cidade do século XX desafia o céu, não mais num impulso em direção a Deus, mas numa afirmação do homem”. Jacques le Goff

A UNESCO, em julho de 2003, declara Tel Aviv “patrimônio da humanidade”, graças aos esforços governamentais em restaurar os prédios inspirados no estilo “moderno internacional”, ou seja, segundo a escola germânica de arquitetura que teve em Walter Gropius o marco de seu desenvolvimento e que após a primeira grande guerra ficou conhecida como Bauhaus⁹.

A fundação desta cidade, considerada a primeira cidade hebraica¹⁰ e única solução para continuar o projeto de Theodor Herzl, o qual foi incrementado por “Akiva

⁹ Em 1919 ele unifica os dois institutos, de Designe e de Arquitetura, e funda a Staatliches Bauhaus, Leonardo Benevolo, *História da arquitetura moderna*, p. 404.

¹⁰ Revista Morashá (internet), p. 1.

Aryeh Weiss, fervoroso sionista polonês, que, ao visitar Eretz Israel, em 1905,¹¹ propôs a criação de um bairro fora dos subúrbios pobres de Yafo (ou Jaffa): *aḥuzat bait* – estância das residências, transformado em um bairro no estilo das cidades americanas dentro do conceito de cidades jardins¹². Na Páscoa judaica de 1909 (em 11 de abril) houve o sorteio destes sessenta lotes aonde, meses depois, vieram a se instalar essas famílias contempladas. Posteriormente o bairro passou a ser chamado Tel Aviv, colina da primavera ou colina da renovação, em livre tradução¹³ do termo *Altneuland*, título de uma obra de Herzl. Hoje é chamada de “a cidade branca”, graças ao conjunto de alvos prédios modernistas.

Altneuland was published in 1902. In this futuristic novel, inspired by the tales of Jules Verne, Herzl follows the adventures of a young jewish intellectual from Vienna, Dr. Friedrich Lowenberg, who meets a mysterious character by the name of Kingscourt. Lowenberg and his companion decide to dissociate themselves from the decadent European lifestyle, and settle on a desert island in the Pacific Ocean. On their way, they pass through the Land of Israel and find it in a state similar to the one Herzl found during his historic visit to Palestine in 1898. After ten years their on the island, Lowenberg and Kingscourt decide to resume their travels. They return to the land of Israel and discover *Altneuland* – *the old-new land that had been built and settled according to Herzl's program in his book, The Jewish State*. The first translation of *Altneuland* was edited by Nachum Sokolov and was published in 1904 under the biblical title *Tel Aviv*, borrowed from the *Book of Ezekiel*. This is what perhaps made Tel Aviv, which was founded five years later in 1909, into the only city in

¹¹ Idem. Theodor Herzl, jornalista vienense, cobriu o Caso Dreyfus. Escreveu diversos livros incitando a criação de um estado judaico. Militou intensamente, foi presidente do primeiro congresso sionista, na Basileia. Morreu em 1904. *Eretz*, significa Estado, terra, país.

¹² “Originally as a garden suburb of Jaffa”. *Jewish Encyclopedia*, p. 915

¹³ Quando iniciei o levantamento bibliográfico em todas as obras que pesquisei sobre a história da cidade, o termo foi assim traduzido, como explico acima. No entanto, creio que a orientação ideológica das fontes não permitiu outra avaliação; foi somente com Rubinstein que encontrei uma tradução que complementou e auxiliou a análise.

the world to be named after a book¹⁴.

Tel Aviv-Yafo (em hebraico, תֵּל אָבִיב-יָפוֹ; em Árabe تَلْ أَبِيب-يَافَا Tahul HAbibbīb-Yāfā) está localizada na costa do Mediterrâneo. Tem hoje cerca de 2,6 milhões de habitantes na zona metropolitana de Israel chamada de Gush Dan ("Agregado Dan", que inclui também as cidades de Bat Yam, Holon, Ramat Gan, Givatayim, Bnei Brak, Petaḥ Tikva, Rishon Le-tzion, Ramat Ha-Sharon e Herzliya). Apenas a cidade possui 350 mil habitantes. O bairro Hakiryā (antiga colônia alemã Sarona) é a sede do ministério da defesa e do comando do exército israelense¹⁵.

Atualmente é a maior cidade de Israel. A partir da década de trinta do século XX tornou-se o maior aglomerado urbano do novo *ishuv*¹⁶. Antes da I Guerra Mundial, sua parte central era “an idilic cluster of one-story family houses surrounded by gardens, with the Herzlia High School (the Gymnasia) as their center”¹⁷. Hoje neste centro o que se encontra é a Migdal Shalom, um dos prédios mais altos do Oriente Médio e seu primeiro arranha-céu:

Em 1923, a população judaica somava 93 mil pessoas, destas 12 mil habitavam colônias agrícolas. Foram os imigrantes deste período que em 1909 criaram fora da cidade de Jafa o subúrbio de Achuzat Bait, que, em pouco tempo, transformou-se na primeira cidade totalmente judaica e que recebeu o nome Tel Aviv.¹⁸

¹⁴ A civilian occupation: the politics of israeli architecture (the banned catalog), p.55. Esta é segunda edição de um catálogo censurado pela *Israel Association of United Architects (IAUA)* impresso em uma tiragem de cinco mil cópias que foram destruídas. O propósito dos vencedores da competição, Eyal Weizman e Rafi Segal, era preparar uma exibição da arquitetura israelense no *Berlin Union Internationale des Architectes (UIA)* sobre o papel na arquitetura no conflito do Oriente Médio: *the UIA did not like this idea: a steering committee was nominated, and, soon enough, the exhibition was cancelled under the pretext of a low budget.*

¹⁵ Kipnis, Baruch A. Tel Aviv, Israel – a world city in evolution: urban development at a deadend of the global economy.

¹⁶ Encyclopedia Judaica: *Ishuv*, assentamento; o velho *ishuv* refere-se à comunidade remanescente desde a Antiguidade e que se renovava por questões religiosas. O novo é o que se constrói a partir da primeira onda migratória de 1808.

¹⁷ Idem, verbete “Tel Aviv”.

¹⁸ Schvartzman, Gabriel. A montanha azul de Meir Shalev (...). FFLCH-USP, Tese de doutorado, p. 25.

A parte sul de TLA¹⁹ é a mais pobre, cheia de moradias de imigrantes vindos dos países Afro-asiáticos no início dos anos 1950 e, “as result of their nonadjustment to the initially harsh conditions of agricultural settlement in outlying parts of the country”. Entre 1950 e 1960 – após ser unificada com Jaffa, obteve grandes melhorias a partir da reestruturação da Allenby Road Northward e dos novíssimos bairros, principalmente Ramat Aviv, onde fica a Universidade de TLA. Esta área, segundo a Jewish Encyclopedia possui a “central and Western European, and often somewhat 'americanized' character.

Neste cenário são contadas as vidas de três homens, suas relações amorosas e familiares, seus projetos e frustrações, relacionando inúmeras outras personagens que afluem e somem ao longo do enredo. Espécie de saga onde não há heroísmo e nem redenção. Seu cenário e também personagem é a cidade Tel Aviv, há somente duas cenas em Jerusalém, a última delas sendo a mais importante.

Também são três as gerações caracterizadas no livro: dos pioneiros e dos filhos destes, ou seja, da geração que nasce e cresce com o Estado; e a terceira, dos filhos dos filhos (como os dois filhos de César). Os nascidos na terra ou não se preocupam com os filhos, ou nem chegam a gerá-los (como Goldman e vários de seus primos e aparentados).

É uma imensidão de personagens e histórias rememoradas que não podem simplesmente ser listadas; é uma passagem em revista da classe trabalhista de Israel, desde antes da fundação do país, ou mesmo os mil anos da diáspora. A rememoração exasperante, sem fim, quase o não-enredo de milhares de histórias juntas, junto aos seus mais de cem personagens... sua continuidade sem paragrafação, não existe espaço entre uma e outra: a continuidade tipográfica, tudo articulado para retratar o *mainstream*, recontando a história do país numa espécie de romance histórico que se volta sobre sua potencialidade de narrar os feitos coletivos a partir das vidas atomizadas dos integrantes de duas famílias:

O pai de Goldman morreu no dia primeiro de abril e Goldman,

¹⁹ TLA, abreviação de Tel Aviv.

por sua vez, suicidou-se em primeiro de janeiro, justamente numa hora que lhe pareceu, pela força do rompimento e da convergência que, finalmente, uma nova era se abria para ele e havia encontrado para si um início de reabilitação através do *Bullworker* e um modo de vida disciplinado, principalmente através da astronomia e da tradução do *Somnium*. César foi o único que prestou atenção a esta estranha conexão entre as datas da morte de Goldman e do pai e até acentuou isto alguns dias após o enterro de Goldman, quando se encontrava na cozinha com Israel, que servia chá para ambos.²⁰

Estas primeiras linhas já indicam, tanto pelo ritmo, como pela quantidade de informações o que virá adiante no texto. O pai de Goldman, Efraim, é um pequeno tirano com princípios muito esclarecidos, quer fundar um kibutz urbano e exige que as louças sejam separadas na casa²¹, mata o cachorro Nuit Sombre a marretadas e, ao mesmo tempo, recusa-se a comprar no mercado negro durante a guerra. Um homem irascível e muito exigente que rompeu várias relações e guardou mágoas ao longo da vida, cuja morte não despertou nenhum pesar em seus conhecidos.

Goldman, o filho, vive austeramente dentro de seu núcleo familiar²² com atividades que lhe tragam algum tipo de satisfação, ou a tradução da obra de Johannes Kepler “*Somnium sive opus postumum de astronomia lunari*”, o trabalho físico com o bullworker, a relação amorosa deteriorada com Dina. Ele vive, e se mata, em seu quarto onde:

lutava com os seus problemas e com os problemas do mundo e em seu espanto para o seu desespero criou para si em sua imaginação a vida futura liberada, veemente e vital, e divertiu-se com ela, mas neste quarto também aprendeu a renunciar a ela com grande dor e com a sensação opressora de fracasso, mas apenas a fim de voltar pouco tempo depois e criar para si, num esforço desesperado,

²⁰ PC, p. 5. O “pai de Goldman” é como se alguém da geração do “filho” falasse.

²¹ Costume judaico segundo as leis da kashrut onde deve-se separar os utensílios, louças, fogão, pia para as comidas com carne (*bassari*) e com leite (*halavi*). Kashrut, vem de kasher, “aquilo que é adequado, apropriado, de acordo com os preceitos”: Berezin, Rifka, “Dicionário Hebraico-Português. Edusp: São Paulo, 1995, p. 307.

²² Este núcleo é composto pela mãe, Regina-Stefana, o pai e a memória da irmã, Naomi, já morta.

inveja, anseio e muitas esperanças de uma vida ainda mais bonita e selvagem, uma vida transcendendo todas as leis e possibilidades.²³

A personagem que traz em seu nome o ouro, indicando um caminho promissor a ser seguido, tem sua vida exposta no enredo sem que nos esqueçamos de que ele cometeu suicídio e em vários momentos é possível perceber seu anseio por uma vida significativa, performática – pode-se dizer, no entanto, ele sempre desiste dos seus anseios, trocando-os comumente pelo consumo:

e voltou a falar sobre motocicletas; este era o novo sonho que revitalizava a sua vida e era o foco de antigas aspirações; já havia economizado uma certa quantia a fim de comprar com ela a motocicleta e há algumas semanas tinha olhado na seção correspondente do quadro de anúncios do jornal, foi a lojas e oficinas, pediu informações a amigos e leu toda espécie de prospectos. No início, pretendeu comprar uma H.S.A. ou uma Norton, depois decidiu-se por uma Honda e tudo isto porque a Harley-Davidson que era o que realmente desejava, era cara demais para ele. No final, descobriu uma Triumph usada de cinco HP em ótimo estado e decidiu comprá-la.²⁴

César, o amante de inúmeras mulheres, com suas roupas multicoloridas, cigarros e bebidas caras, sempre anda com um baralho de mulheres nuas no bolso, é um fotógrafo que sustenta seu modo de vida hedonista sem parecer se importar com a doença do filho mais velho. Ele hospeda em sua casa, Israel, um pianista, exímio intérprete de Bach, que passa suas tardes tocando o órgão na Igreja de Santo Antonio, e tem uma relação fugidia com Ella, a qual dará a luz a uma criança sem que se saiba se

²³ PC, p. 56.

²⁴ PC, p. 48, interessante notar o trânsito destas marcas nos anseios da personagem, Honda é uma marca japonesa, H.S.A. Norton, britânica e HP, estadunidense.

ele é mesmo pai dela.

A geração dos *halutzim* (pioneiros) é representada pelos pais e parentes mais velhos de Goldman (o pai, a mãe, Regina-Stefana, o tio Lazar e seu irmão Yoel, tia Tsipora, etc) e de César (seu pai, Ervin, sua mãe Zina, seus tios, Zvi²⁵ e Misha). Estes trabalharam em pedreiras (p. 167), no porto de Yafo ou na construção civil; nasceram na Europa e imigraram, alguns tinham filhos pequenos e tiveram outros já na Palestina²⁶. Se envolvem em movimentos políticos como o *Hapoel hatsair* e o *Achdut há'avodá* e também ao forte sindicato dos trabalhadores²⁷ (p. 266); na página oitenta e nove há menção ao Partido Comunista em relação à personagem de Ervin, que posteriormente enriquece vendendo terrenos.

Esta geração pode ser assim pensada: “their dream was the fuel that powered their action, the cement which bound them together, the myth and the consensus. At times it also served as an excuse for the mistakes they made”²⁸. Há a sugestão de que estes erros se espalham na próxima geração criando um acúmulo de eras, temporais e espaciais, e suas ruínas.

A divisão geracional guarda bastante relação com o contexto histórico, as personagens mais velhas (anteriores à geração dos pais, ou seja, os avós Bacha, Hava, Moshe-David) nasceram e viveram na Europa por volta, especula-se, de meados do

²⁵ A grafia do nome do tio de César, irmão de Ervin, aparece ora como Tzvi, ora como Zvi.

²⁶ Não há datas exatas, somente referências aos acontecimentos históricos, “alguns anos após a Guerra da Independência”; “tinha sido no verão, depois da guerra”; “no período entra as duas guerras mundiais”, etc PC, p. 49 e na sequência: p. 71 e p. 89. César canta “Obladi Obladá” dos Beatles, gravada no Álbum Branco de 1968.

²⁷ “Mifleguet Poalei Eretz Israel, MAPAI, Partido dos Trabalhadores de Israel: organização política sionista-socialista criada por Ben Gurion e outros e filiada à Internacional Socialista, seu programa era mais pragmático do que marxista, tendo contribuído poderosamente para a fundação do Estado de Israel.” Retirado de Kimmerling, B. “Fim da hegemonia askenaze”. Jerusalém: Keter Publishing House, 2001. Título original: Ketz Shilton HaAhusalim, Tradução e notas: Gabriel Mordoch, em: Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, 2009.

²⁸ Seguev, Tom. 1949 *The first Israelis*, p. 322.

século XIX até o seu fim. Viveram as transformações trazidas pela *hascalá*²⁹, o renascimento do idioma hebraico, durante tanto tempo a língua do ouvido³⁰.

É bastante provável, mesmo levando-se em conta o problema da ausência de datas no romance, que as famílias, clã dos Goldman e dos 'César', trazendo seus genitores e os filhos pequenos, tenham emigrado a Israel por volta do começo do século XX durante a:

segunda *aliá*, entre 1904 e 1914 que os moldes do Estado vindouro foram articulados: as forças de defesa, o sistema educacional e de saúde, além da escolha do hebraico como língua vernácula.³¹

E também:

Os integrantes da segunda *aliá* decidiram ser trabalhadores braçais e se recusaram a criar suas próprias colônias agrícolas pois não queriam chegar a transformar-se em proprietários exploradores de mão de obra de outros trabalhadores.³²

A geração do mito e do consenso é apresentada no romance como os que construíram o país com suas próprias mãos, foram trabalhadores das pedreiras no porto de Yafo, concatenados com o lema da época, “viemos para construir e sermos construídos³³”. Eles partiram da diáspora que se deu desde a antiguidade na Europa, agora locatária de movimentos nacionalistas, fascistas, mas também daqueles emancipatórios. São pelo menos mil anos de aldeia ucraniana, diria um certo autor da

²⁹ “Hascalá, literalmente “ilustração, iluminismo, inteligência” designa o movimento de ilustração judaica iniciado na Alemanha na segunda metade do século XVIII, sob a direção de Moisés Mendelsshon”, com pretensões emancipatórias e modernizadoras, principalmente da classe média alemã.

³⁰ Amâncio, Moacir.

³¹ Schwartzman, G. p. 25.

³² Idem, p. 29.

³³ באנו לבנות ולהיבנות,

Ervin, que na juventude tinha sido pioneiro e socialista, e como tal tinha imigrado para Israel e durante alguns anos sido membro de um *kibutz*, continuou a se ver como sionista e socialista com princípios políticos, sociais e morais, que com os anos tinham se distorcido e desgastado totalmente num processo quase imperceptível.³⁵

A segunda metade do século XIX viu nascer os movimentos nacionalistas, quase exclusivamente ligados aos Estados em formação. Do ponto de vista da população judaica mundial, a qual podia ser dividida entre Oriental (principalmente a Rússia czarista) e Centro-ocidental, tendo seu foco na Alemanha em vias de unificação, setenta e cinco por cento de seus componentes estavam setentrionalmente alocados. Entre as décadas de 1860 e 1870 surgem os primeiros movimentos do sionismo com vistas à adequação da população judaica aos movimentos nacionalistas. Cabe mencionar a visão da redenção mística que a vinda do *machiah* (*messias*) traria ao soar seu shofar fazendo a terra tremer e levando todos os judeus da diáspora à Sião.

A ideologia sionista foi erigida sobre o mito de Sion. A pátria recebeu o nome de Sion, o movimento de libertação nacional recebeu o nome de sionismo e a história transformou-se num novo retorno à Sion.³⁶

Havia dois mil anos, a comunidade de judeus remanescentes da segunda diáspora vivia em Jerusalém, Safed, Hebron e Tiberíades, sendo majoritariamente religiosos e estudiosos da Torah, recebiam doações do mundo todo e são conhecidos como o velho *ishuv* ou velho assentamento. A chegada de um pequeno contingente de russos oriundos do movimento *hovevei le'tsion* (os amantes de Sion) fundadores da colônia agrícola de *Petach Tikva* em 1848, é considerada a primeira onda migratória (*aliá*). No entanto muitos,

³⁴ Yoram Kaniuk, autor de *Adam, filho de Cão*, romance que faz paródia da Shoá, do Estado de Israel e da Identidade judaica, não necessariamente nesta ordem. Entrevista para Moacir Amâncio “feita em Bilbao, País Basco, sobre o Museu Guggenheim, publicada pelo *Estado de São Paulo* na edição do dia 7 de junho de 2000, reproduzida em *Dois palhaços e uma alcachofra*, p. 257-268.

³⁵ PC, p. 87.

³⁶ Schvartzman, G. Idem, p. 34.

desacostumados com o trabalho braçal e as condições ambientais, retornaram à Europa.

Entre a primeira *aliá* e a fundação do Estado em 14 de maio 1948, estabeleceu-se o que se chama de novo *ishuv*, o qual cresce com as constantes imigrações:

aliá, no sentido da imigração para Israel, ocorre permanentemente mas também em ondas. As primeiras duas ondas de imigração aconteceram entre 1882 e 1914; as três seguintes, entre 1919 e 1939. A sexta *aliá*, entre 1945 e 1948, trouxe muitos sobreviventes do Holocausto.³⁷

Na tese “*A montanha azul* de Meir Shalev: uma leitura pós-sionista da sociedade israelense”, Gabriel Steinberg Schwartzman³⁸, a partir da página vinte e sete, fala da necessidade de se mudar o pensamento do judeu em relação à terra e sua fixação não somente geográfica mas também cultural, política e linguística, “o que pretendemos estabelecer na Palestina é um povo judeu novo e renascido, não uma mera colônia da judiaria diaspórica”³⁹, “era necessário extirpar o exílio da alma judaica, encarar o sionismo como uma rebelião total contra dois mil anos de exílio e de humilhação, uma revolução contra o conformismo e contra a alienação”⁴⁰

Esta é a orientação da primeira geração retratada no romance, onde é possível depreender a dedicação ao trabalho, a ausência da atividade religiosa e o silêncio sobre a shoá⁴¹. É sobre aqueles este pano de fundo histórico:

os integrantes da segunda *aliá* eram filhos da classe média baixa,

³⁷ Wikipédia, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alia%C3%A1>, acessado em 17/05/2011

³⁸ Este doutoramento analisou a obra *A montanha azul*, de Meir Shalev, a partir de uma leitura pós-sionista; toda a primeira parte dela é uma rica explanação sobre o sionismo e seu movimento de contestação.

³⁹ David Gordon, citado por Avineri, 1983, p. 180, apud Schwartzman, p.28.

⁴⁰ Schwartzman, p. 28. As lições de Sh. Avineri em *La idea sionista*, também serviram de suporte para este entendimento.

⁴¹ Há dois momentos desta primeira geração, os que vieram na época anterior à Segunda Guerra e os da mesma geração só que chegados posteriormente, os primeiros são os avós e pais da geração de Goldman, César e Israel, os segundos são aparentados ou personagens bastante secundárias. Soker-Schwager também coloca juntas as gerações dos pais e avós.

oriundos da Rússia e Polônia. Chegaram à Palestina cheios de entusiasmo para construir uma sociedade socialista nova (...) os jovens pioneiros carregavam consigo um elemento romântico-místico e, movidos por esse ideal, queriam fincar raízes de forma tão rápida e tão profunda quanto fosse possível.⁴²

No desenvolvimento cronológico do enredo é notável a transformação desses ideais em uma nova postura a partir do enriquecimento das duas famílias: Ervin torna-se proprietário de terras e máquinas; de trabalhador braçal do porto de Yafo passa a ser o *bon vivant*, consumidor de bebidas caras e charutos. A partir daí, nunca mais é visto trabalhando.

assim como em outras sociedades revolucionárias, o movimento sionista acreditava no surgimento de um novo homem, um judeu que fosse diferente dos seus pais em sua forma de vida e em todos os atos que regiam a sua conduta e seu pensamento. A geração dos fundadores do Estado de Israel tomou consciência da necessidade de provocar uma revolução na vida nacional sem a qual não seria possível o renascimento apregoado pelo sionismo. Para Zygmunt Bauman, esta necessidade de criar um novo homem foi típica da sociedade moderna não apenas na sociedade sionista⁴³.

Os segundos, chamados de geração da terra, do Estado (*dor ha'mediná*), geração *Palmaḥ* ou da Independência⁴⁴ são as personagens centrais do romance e cada um tem seu nome ligado às experiências históricas judaicas: Goldman à *galut* (diáspora), César, nome romano⁴⁵, à assimilação; e Israel parece referir-se ao Sionismo, na fundação e consolidação do estado judeu. São os já prontos e moldados “novos judeus”, oriundos da estruturação nacionalista que forjou uma nova identidade para os judeus a partir dos

⁴² Schvartzman, p. 29.

⁴³ Idem, p. 36. Necessário mencionar que o Socialismo e o Nazismo também partilhavam do ideal do novo homem.

⁴⁴ Idem, p. 40, refere-se à Guerra da Independência.

⁴⁵ Na página dezessete do romance ele louva os costumes funerários dos romanos, os quais seriam melhores que os dos judeus; ele mesmo pretendia deixar instruções para ser cremado.

mitos, do trabalho e da língua:

a função dupla do mito tinha, para David ben Gurion o intuito de moldar o judeu “pó da terra” abrindo-lhes os olhos cegados pela humilhação da diáspora e, por outro lado, “outorgar legitimidade para a posse territorial”⁴⁶

É necessário notar a predominância de homens no enredo, conforme explicou Alan Mintz⁴⁷, simbolizando a ‘força heróica’, masculina dos sionistas. As mulheres ficam encarregadas do âmbito doméstico. Naomi, irmã de Goldman, sai do círculo familiar, contrariando as normas paternas, e morre.

Nas palavras de Gershon Shaked, há duas narrativas inversamente proporcionais para entender a questão dos heróis, o novo judeu, o sabra⁴⁸, o homem novo do sionismo, sem jogar fora a positivação que foi primordial para retomar a vida, de alguma maneira, depois do trauma da Segunda Guerra e ao mesmo tempo construir o país.

Shabtai is probably the only Israeli novelist who has “reached a deep understanding of the double meaning of the [Zionist] meta-narrative and the double meaning of the positive heroes.” *Past continuous* could be seen as an elegy for the working class which,

⁴⁶ Idem, p. 36

⁴⁷ Mintz, Alan. “The boom in contemporary Israeli fiction”.

⁴⁸ The figure of the “mythological Sabra,” the new native Jew growing up in the Land of Israel, provided an ideal type rather than a realistic portrayal of the Hebrew youth,...). Since it was largely shaped in opposition to the prevailing Zionist stereotype of the exilic Jew (*yehudi galliti*), the mythological Sabra personified the desired rupture with the exilic past and its culture, a step that was deemed necessary in order to ensure the opening of a new era in Jewish history. In: Zerubavel, Yael. *The Mythological Sabra and the Jewish Past: Trauma, Memory, and Contested Identities*. Israel Studies Vol. 7, No. 2 (Summer 2002).

due to its economic successes, has now become decadent.⁴⁹

Também é possível que o entendimento do duplo significado da meta-narrativa sionista seja mais visível na valoração positiva das personagens da primeira geração com a figura de Tio Lazar, voluntário nas fileiras da Brigada Internacional da Guerra Civil Espanhola (p. 40). Já com a geração seguinte há o outro vetor desta narrativa: são as personagens planas, com as adjetivações negativas e que vivem a alienação desta etapa da Modernidade, como pode ser visto pelo mercado, pelo crescimento da cidade em continuidade ao modo de vida cada vez mais individualista, solitário e sem propósitos comunais.

S. Kellman, em uma resenha para *The Review of Contemporary Fiction* fala sobre essas relações e como elas são colocadas no fluxo narrativo pelo princípio de associação ao mesmo tempo em que estas cadeias também aparecem no nível de actação com a frase que ele cita e explica a relação metalinguística entre aquele fluxo e desta instância:

Shabtai implicates his reader in a network of shifting relationships among hundreds of characters, disdaining mere plot but generating a dense, dynamic colloid of human lives. *Past Continuous* is constructed according to the principle of association: one name leads to another, and the reader's attention often hops in midsentence, sentences whose verbs lack allegiance to any single tense. A compulsive philanderer, Caesar believes that life is "fluid and formless and aimless, and everything was possible in it to an infinite degree, and it could be played backward and forward like a roll of film."⁵⁰

Já Robert Alter afirma que:

⁴⁹ Shaked, Gershon *Hebrew Narrative Fiction, 1880-1980*, Vol. IV. Tel Aviv: Hakibbutz Hameuchad, 1993. 16. (em hebraico), apud Wikipedia, acessado em 08/11/2010.

⁵⁰ Kellman, S. *The Review of Contemporary Fiction*, p.23.

Past Continuous realizes the most radical imaginative possibilities of this new prose. In it, Shabtai, like Proust and later Henry James, deploys serpentine, elaborately metaphorical sentences that subtly weave in and out of different times and different levels of consciousness, conjuring up again, like Proust, a vision of all things of value crumbling under time's corrosive touch. It lacks, however, the Proustian sense of redemption through art and memory⁵¹

É nesta teia de significação que o recorte para a análise limita-se ao imbricamento do tempo histórico da ocupação da Palestina até a criação do Estado em 1948, com a fixação das diferentes gerações em certos espaços, notadamente urbanos. Como se o vetor gerado fosse unicamente dirigido a entender Tel Aviv como cenário exclusivo para a trama, uma espécie de *locus* sionista.

O eixo cartesiano está projetado na cidade onde as eras se acumulam e as fronteiras se alastram até o limite possível. E a fronteira na Palestina sempre foi o outro. Não há barreiras naturais que possam impedir, com o uso tecnológico, o avanço territorial. Como exemplo, a conquista do deserto com a irrigação, ou com a guerra. Talvez aqui seja possível encontrar uma justificativa para analisar estes contextos.

A narrativa, no sentido de “discurso contextualizado”, que não é o objetivo central deste trabalho, surge ficcionada dentro do romance, nas narrativas heróicas, nas de solidão, de fuga e estabelecimento – como vulgarmente dito, pano de fundo histórico e panorama da cidade de Tel Aviv, completando o círculo de significação. É sobretudo através da narrativa que compreendemos os textos e contextos amplos, diferenciados e mais complexos de nossa experiência.⁵²

Deste modo, a narrativa apropria-se do sistema lingüístico e psicológico em uso e recorre a um determinado repertório de histórias, pelo *cultural frame*. Todo enunciado exige uma enunciação, que é ancorada no eixo cartesiano de tempo e espaço, mas o

⁵¹ Alter, Robert. Life at the last moment. *New York Times*, 9 de Agosto de 1987.

⁵² Brockmeier, J. & Harré, R. “Narrative: problems and promises of an alternative paradigm”. In: *Psicologia: Reflexão e crítica, passim*.

enunciado, a cada acesso, é também resultado de uma nova ancoragem, ou seja, outro tempo e espaço da recepção. Mesmo que nunca nos lembremos dos apagamentos da linguagem, parece ser sempre neles que a ficção ocorre.

Quanto aos focos narrativos, presentes em todas as histórias, os quais sintetizam as relações de tempo e espaço em um só mecanismo, são usados esteticamente de modo a decidir o trilha pelo qual a obra seguirá.

Willi Bolle⁵³ explica a imagem dialética onde Benjamin intentou uma representação de sua época que ultrapassasse tanto o realismo burguês quanto o socialista, por meio de uma montagem surrealista. Yaakov Shabtai tenta, por sua vez, dar um viés, ao mesmo tempo crítico e nostálgico. Seria uma narrativa de mudança após o triunfo da Modernidade que enaltece a razão técnica? Provavelmente refletida nas linhas áureas, retas e limpas da Bauhaus: “a fisionomia benjaminiana da grande cidade é entendida como um paradigma de reflexão sobre o fenômeno contraditório da Modernidade”⁵⁴.

Robert Alter chama de hiperrealismo o estilo usado pelo autor, que parece trazer a intenção de maior racionalidade, ao contrário da imagem surrealista de Benjamin, no entanto, podemos dizer – para seguir a metáfora do olhar – que é o mesmo foco, só que mais próximo e mais acordado que perde o embotamento do sonho, mas também se borra pela proximidade, seu desejo primeiro de clareza. Metáfora também utilizada por Soker-Schwager: “unfocused stare”⁵⁵. Pensar em um realismo maior, talvez pela proximidade, o close com o qual se visita a vida israelense é esquecer todo o tom melancólico e decadente.

No caso de *Passado Contínuo*, há a predominância do discurso indireto livre ou seja, cria-se a impressão de não haver narrador, como uma história que narra a si mesma. A mistura de monólogo interior e diálogos recontados, quase sempre no passado (rememorados), geram a idéia de ausência, tanto de voz, como de ancoragem, chamado de opaco por Saraireh & Khattab ao analisar as diversas mudanças e combinações do

⁵³ Bolle, W. *Fisionomia da metrópole moderna*, p. 18.

⁵⁴ Segundo Maria Fernanda Pinto, o mito fundador foi substituído pela sociedade de consumo. Pinto, Maria Fernanda S. *Conversa informal*. São Paulo, 2011.

⁵⁵ Soker-Schwager, p. 250.

narrador em *Ulisses* de James Joyce. Já Keren Rubinstein cita a aproximação que Malka Shaked fez com Marcel Proust.

In a style reminiscent of Marcel Proust's *Remembrance of Things Past*, Shabtai delivers the protocol of a collective supra-personal consciousness (Shaked M. 1990: 268) He brings together the social, familial, and existencial planes of experience together with the geographical context of Tel Aviv and its successive historical transformations. These dimensions are intertwined and cannot be grasped in isolation from one another.⁵⁶

A única cena em todo o livro em que ocorre o discurso direto é em um panfleto de propaganda do *bullworker*, onde o *bodybuilding* Jean Taxier (ele existiu de fato, e, além de Mr. França, foi também escritor de várias obras, entre elas, quatro sobre astrologia) responde perguntas alardeando a eficiência do aparelho, simulacro de masturbação, que Goldman espera usar para ser mais feliz e viver mais. No restante, há somente os monólogos interiores, descrições (criadoras das oposições semânticas) e conversas por meio do discurso indireto (em alguns casos misturados com o fluxo de consciência).

Se da passagem do NARRADOR ONISCIENTE para o NARRADOR-TESTEMUNHA e para o NARRADOR-PROTAGONISTA, perdeu-se a onisciência, aqui o que se perde é o “alguém que narra”. Não há propriamente NARRADOR. A história vem de um foco que não é possível precisar, opaco, e, no entanto, difere da ONISCÊNCIA NEUTRA porque agora o autor traduz os pensamentos, percepções e sentimentos, filtrados pela mente das personagens, detalhadamente, enquanto o NARRADOR ONISCIENTE os resume depois de terem ocorrido.⁵⁷

O narrador ausente que, mesmo onisciente, se cala e faz uma montagem,

⁵⁶ Rubinstein, K. p. 141. Outra aproximação possível com Proust, e de quebra, com Joyce, diz respeito ao uso do hebraico cotidiano, *vulgar*, oralizado em um romance, já que Shabtai, considerado por muitos como o autor que trouxe para a literatura a linguagem hodierna, cotidiana, “ao qual os escritores subsequentes lhes são devedores”.

⁵⁷ Leite, Lúcia Chiappini de Moraes. “O foco narrativo”, p. 47.

bricoleur, para estruturar as imagens, os pensamentos e as ações sendo responsável pela ordem em que os relatos aparecem no romance. Daí a metáfora de Robert Alter citada por Nancy Rozenchan sobre a forma narrativa:

É como se todas as funções narrativas do romance realista tradicional tivessem sido rompidas em pedaços bem pequenos e então giradas juntas em uma centrífuga programada de alguma maneira para lhes dar um novo propósito intencional⁵⁸.

Lígia Chiappini de Moraes Leite resume os dois modos de pensar as possibilidades da cena em prosa, contar ou mostrar (*telling* ou *showing*), de forma a elucidar o local e o modo de contar do narrador. Já se sabe que o narrador 'se esconde', mas fala de Tel Aviv denunciando suas mudanças em tom nostálgico por meio dos passeios de Goldman e Israel, exemplares da *flanerie*. Isto faz pensar que a opção de Shabtai pelo narrador onisciente e o uso do discurso direto localizado na mente das personagens, ou seja, o monólogo interior, principalmente nas construções das imagens da cidade de maneira memorialística, é o que cria a significação de ruptura e mudança com a narrativa sionista e melancolia e perda em relação ao passado áureo dos pioneiros:

Goldman, que era ligado a estas casas e ruas, pois junto com os campos de areia e os campos não cultivados, eram a paisagem em que nascera e crescera, sabia que este processo de destruição era inevitável e talvez até obrigatório, como era inevitável o processo de modificação da população da cidade, que em poucos anos se enchera de dezenas de milhares de pessoas novas, que aos olhos de Goldman eram apenas estranhos que a tinham invadido e o transformaram em um estranho⁵⁹.

Deste modo, reafirmo citando Rubinstein onde ela diz que o romance

⁵⁸ Alter, Robert. O romance israelense e a ficção pós-segunda guerra mundial. In: Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, nº 1, 1998, p 132.

⁵⁹ PC, p. 250.

is not divided into paragraphs, but is a string of run-on sentences that link all the thoughts, conversations, trajectories, and ambles through the city, to another, in a wealth of detail and information. Thus Shabtai does this in an attempt to preserve, and solidify every detail that together would form a complete image of the city and its people⁶⁰.

Poderíamos chamar de testamento, ligando ao testemunho, já se falou “da passagem em revista da classe trabalhista”, que o autor colocaria na relação com o testamento circular de Efraim Goldman que o filho encontra no armário, junto com a coleção de selos e álbuns de fotos, títulos e carnês de “toda espécie de promissória” – que o tio Lazar irá ler em voz monótona e que era:

uma composição exotérica exata, fruto de muitos rascunhos e um sem fim de horas de pensamento em cujo resumo conseguiu criar, com a ajuda de um advogado sagaz, uma obra circular cuja função principal era garantir ao morto que os seus bens passassem aos seus herdeiros legais, Stefana e Goldman, e ao mesmo tempo os obrigasse a gozar deles somente de um modo definido, desejável para ele, e que anulasse na prática o seu prazer, principalmente o prazer de Stefana⁶¹

Com efeito, também é possível pensar a relação da atividade desenvolvida por Israel como pianista, seguindo o fluxo de associações que ele fez com os nomes logo no início do romance, após sentar-se para estudar as “Variações Goldberg”: ao invés ficou tocando de cabeça os “Sarcasmos” de Prokofiev e daí pensou no tocador de cravo de um certo príncipe associando os nomes em uma melodia monótona:

Johann Goldberg Gottlieb Dresden Kaiserling Goldberg Colden
Johann Kaiscrling Gottlieb Dresden Gottlíeb Joharm Kaiser Johann
Gottberg Gottling Liberg Johann Dresden Golden enquanto seu

⁶⁰ Rubinstein, K. p. 141.

⁶¹ PC, p. 163.

olhar se arrastava como uma aranha pelos espelhos nos quais se refletia a sua imagem⁶²

Na página 165 do romance há um trecho que fala na ligação entre as palavras e a órbita dos planetas, o qual também pode ser ligado ao modo narrativo e à metalinguagem presente na forma elíptica do romance.

e que todas as palavras do mundo não desviarão o planeta Terra de sua trilha por um centímetro sequer e não devolverão um dia passado sequer, e não preencherão o que falta

Do mesmo modo que James Joyce no décimo primeiro capítulo de *Ulisses* usa a estrutura da fuga musical para questionar a autonomia e pretender simultaneidade de modo a revelar uma interioridade polifônica (“multi-vocal interiority”⁶³) o fato é que este capítulo (das sereias) pode ser comparado à narratividade de Yaakov Shabtai no *Passado Contínuo*. É possível arriscar que ambos fazem a evocação da música para atingir este efeito de concomitância. Zimmerman diz que ele a faz concatenando as identidades dos personagens aos seus papéis opondo-os aos seus contrapontos (counterpoints), de modo a conduzir o enredo.⁶⁴

O procedimento em Shabtai é o seguinte: há uma cena prosaica de almoço, jantar, reunião de parentes por qualquer motivo, chega um personagem e o narrador se detém sobre ele por alguns momentos descrevendo-o, apresentando sua história pessoal relacionada à história coletiva israelense, um determinado objeto surge – há uma cena na qual o tempo do corte de um pedaço de carne cria no enredo vinte anos de rememoração. Já no excerto abaixo, o tempo é medido por Zvi enchendo o cachimbo:

Entrou na cozinha e os três, Zvi, Ervin e César saíram e se sentaram na varanda da sala de visitas que dava para o mar e gozaram da leve brisa noturna que estava saturada com o odor do florescer da laranjeira e com o perfume dos ciprestes e da relva regada. Zvi

⁶² Idem, p. 7

⁶³ Zimmerman, Nadya. Musical form as Narrator: The fugue of the Sirens in James Joyce's *Ulysses*, p. 109.

⁶⁴ Idem, p. 117.

chamou Henri e encheu o cachimbo com gestos lentos e com cuidado e ao mesmo tempo perguntou a César a respeito dos seus negócios. Depois continuou a conversa que mantinha com Ervin a respeito da política de solos do governo, principalmente sobre a questão da liberação de terrenos para construção e transformação de solo agrícola em solo urbano. Fora de sua elevada estatura, tom de voz e alguma expressão indefinível, Ervin e Zvi eram tão diferentes que era difícil acreditar que fossem irmãos, pois Zvi tinha o corpo pesado.⁶⁵

A descrição da natureza pode preceder ou suceder a rememoração, talvez apareça como uma segunda linha melódica; o ponto seguinte diz respeito a delinear a figura da personagem, relacionando-a a seus parentes próximos, contando suas intrigas, sucessos e desdobrando a apresentação nos ramos genealógicos posteriores. Esta cena, em especial, situa também o posicionamento político dos homens da família, questão que desdobra a diferenciação anteriormente mencionada no enredo entre Zvi e Ervin, procedimento de uma página e meia: “Zvi, que acendeu o cachimbo depois de acabar de enchê-lo, não tinha se dado conta disto ou tinha esquecido a questão toda” [da briga política]⁶⁶.

Também neste ponto, um cruzamento: se Benjamin desarticula a historiografia tradicional burguesa, por exemplo, com a concepção do *despertar*, com o recordar (*Erinnerung*), Shabtai encara “a distância estética” que, segundo Adorno, efetivamente ocorre quando o comentário se entrelaça à ação, fazendo sumir a distinção entre ambos: isto é o intrigante efeito obtido em *Passado Contínuo*, onde as opiniões sobre as personagens vão avançando ao mesmo tempo que constituem a engrenagem do roteiro, demolindo a atitude contemplativa⁶⁷, inquietando o leitor.

Na escolha de adjetivar de modo contraditório, compondo o encadeamento das frases segundo um método paralelístico, como nas porções poéticas do texto bíblico e também como uma figura geométrica: “duas retas são paralelas se não se intersectam”,

⁶⁵ PC, p. 128.

⁶⁶ Idem, p. 130.

⁶⁷ A atitude puramente contemplativa é um elemento da reificação, conforme Lukács, p. 219. Análise posteriormente desenvolvida.

ficando o texto com idéias que, ora se completam pela repetição do mesmo pensamento (com o uso do ‘também’, ‘assim’ ‘e’), ora se opõem, com ‘no entanto’, ‘porém’, ‘ainda que’, com a inserção do pronome relativo ‘que’ e das frases adversativas: (ou seja, a contradição opera por retas paralelas)

Também durante o enterro e a cerimônia Goldman se sentia vazio de dor e indiferente, mas esta indiferença foi lentamente substituída por um grande interesse, ainda que distante, **que** despertou nele, no momento em **que** estava parado observando, de início aborrecido e quase sem perceber, as pessoas **que** haviam se reunido em torno da sepultura. Então percebeu os **que** faltavam porque já haviam morrido, e não eram poucos, principalmente porque se deu conta, de repente e de forma nítida, das terríveis mudanças **que** o tempo fizera na aparência dos parentes e conhecidos, tanto velhos como jovens, dos quais somente uns poucos se salvavam.⁶⁸

Estão sempre presentes as contradições num movimento de rompimento e convergência, igual ao que o Goldman sentia na hora do suicídio e, não há como fugir da nomenclatura da cidade, como dito: Tel Aviv, que é ruína e renovação. Aviv também significa primavera.

Esta relação temporal, dada pelo modo narrativo é refletida na espacialidade, pode-se pensar em um eixo cartesiano de tempo e espaço, no qual é possível também inserir as direções geográficas, concomitantes ao espraiamento de Tel Aviv: do sul para o norte, e posteriormente ao leste; o Mediterrâneo está a oeste.

É isto o que se vê quando das cenas de rememoração nos monólogos interiores das personagens e suas andanças pela cidade: como um local desenvolvido e, de certa forma, seguro pode ter como habitantes a melancolia, o desespero e a solidão? Retomando a oposição semântica no texto que encaminha o entendimento: rompimento e

⁶⁸ PC, p. 321, grifo meu. No original, p. 252.

convergência, igual ao que o Goldman sentia na hora do suicídio”⁶⁹, do mesmo modo que apontou Keren Rubinstein sobre a etimologia do nome da cidade:

Shabtai's novels contain several binary oppositions. These are sociological, literary, and cultural dialectical conditions, which complement each other and form not so much contradictions, but foundations for the various constructs encountered in the novels. One may say for instance, that the name Tel (+) Aviv itself contains a binary opposition, invoking both past and future. From a sociological perspective, these novels embody the aforementioned tension between construction and destruction as experienced by both migrant and Israeli born Jews. The creation of a new Israeli ethos has led to the destruction of central elements in Jewish identity. For a literary critic, Shabtai presents a unique format that negates itself, synchronistically fortifying, and obliterating memory.⁷⁰

O esgarçamento desta categorização binária parece ser o nascimento da criança, só que em um segundo momento. Em primeiro lugar, o que se apresenta é a concatenação das oposições: o parto foi o momento do novo onde o passado e o presente são fixados na mãe e no bebê; depois, toda a possibilidade que outra geração trará, representada simbolicamente em um único ser a surgir após a caracterização de outros mais de cem de duas gerações.

Deste modo, podemos ver como eram as relações da primeira geração espacializada em Little Tel Aviv⁷¹, onde os núcleos familiares eram expandidos e todos residiam na mesma área, dividindo tarefas. Mormente as mulheres eram as responsáveis pelos trabalhos da casa, dos cuidados com as crianças e velhos, enquanto os homens trabalhavam ainda nas pedreiras, no cais ou na construção civil. Aqui há um importante contraponto, dada a situação de romance estritamente urbano, não há trabalhos na terra a não ser por um casal de primos de Goldman os quais ele visita após cumprir o serviço militar e algumas décadas depois vai lembrá-los como exemplos de pessoas felizes,

⁶⁹ PC, p.5.

⁷⁰ Rubinstein, K. p. 151.

⁷¹ Tel Aviv haktaná, pequena Tel Aviv. Termo usado por Soker-Schwager, p. 241, e como é conhecida a parte onde “começou” a cidade.

pois vivem em contato com a natureza. Estratégia irônica do autor.⁷² É como se eles dissessem com ar de tristeza: o kibutz acabou.. graças a deus! Agora temos a supremacia militar, as cidades estão estabelecidas!

O sionismo se tornou uma via única, por imposição capital, foi um sonho e é uma disjunção, não deveria haver verdade que se impusesse. Por outro lado, Tel Aviv canta sua brancura, seus 4% de árabes. No intento de manter a perspectiva: quanto à Palestina, a sua divisão após a Primeira Guerra Mundial e a determinação do Mandato Britânico, colocam-na em posição neocolonial (até 1948); após isto, Israel fica em relação às potências vencedoras da Segunda Guerra (França e, principalmente, Estados Unidos), em posição de crescente dependência, conforme Tom Seguev em *Elvis in Jerusalem*⁷³. Atualmente, o país é tido como centro irradiador do judaísmo mundial, mantendo relação com os vários locais no mundo onde há comunidades judaicas.

Tel Aviv, em perspectiva ao restante do país, é o centro financeiro e tecnológico. A partir da década de noventa alcançou o mérito de ser classificada como “world city”, segundo critérios econômicos, sociais e culturais bastante expressivos, apesar das tensões bélicas ainda não solucionadas⁷⁴.

⁷² A partir do artigo Godless City, Socker-Schwager propõe a superação do dualismo velhaXnova geração, ela analisa a partir da questão da laicidade do e no sionismo.

⁷³ Seguev, T. *Elvis in Jerusalem*, trata das relações de dependências do ponto de vista econômico e social com os EUA.

⁷⁴ Kipnis, Baruch A. *Tel Aviv, Israel – a world city in evolution: urban development at a deadend of the global economy*. Para maiores informações sobre o desenvolvimento da cidade o artigo traz ótimas reflexões.

“A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto”⁷⁵

Walter Benjamin

Com o intuito de avaliar a correlação dos espaços ambientados, seus objetos, as ruas e o comportamento das personagens em *Passado Contínuo*, começo por mencionar que os espaços externos são restritos a algumas ruas de Tel Aviv, tais como: Dizengoff, Hayarkon, Ben Yehuda, Allenby, Pinsker, Rashi, Bograshov e King George. Há alguns momentos em que as cenas ocorrem fora da cidade e do país: Europa, Austrália, União Soviética, Estados Unidos; há uma ou outra citação de vida rural, em kibutz.

Há variações importantíssimas quando a espacialização se dá conforme a geração de personagens, ou seja, conforme um recorte temporal. Também convém lembrar que as memórias dos velhos sobre os lugares que viveram sua vida adulta na Europa é muito rarefeita.

O trajeto constitui-se a partir da primeira geração (pais e avós) pobres e imigrantes, desterritorializados europeus, diaspóricos, para a geração seguinte, dos filhos, sabras, novos judeus, estes da geração da Guerra da Independência, e também chamada Catástrofe⁷⁶, os quais tornaram-se ainda mais intelectualizados e, de uma forma ou de

⁷⁵ Benjamin, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas. Vol. 3. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo, Brasiliense, 1994 [1938], p. 203.

⁷⁶ Para os palestinos, nakhba.

outra, melhoram de vida. Há uma divisão em relação a este padrão de vida das famílias como, por exemplo, a de César, o janotinha, que é mais abastado, o que é inferido pelo modo de vida, seus objetos, o carro, o studio onde mora, etc.

Estudar uma cidade literária, discursiva no âmbito da Literatura e a cidade de Tel Aviv ficionalizada, seus processos de concepção, produção e difusão para a significação temática, assim como suas interlocuções com o contexto cultural vigente dá-se por meio de artifícios inerentes à linguagem e à narrativa literária, essa obra incorpora a visão da cidade e muitos dos aspectos da formação da metrópole desde seu início no século XIX como um subúrbio de uma cidade árabe, Yafo, sua expansão, com a tentativa de entender o processo histórico, assim como da proposta arquitetônica e urbanística desenvolvida pelo ideal da Bauhaus.

Osman Lins, no quarto capítulo de *Lima Barreto e o espaço romanesco*, fala sobre as diferentes teorias sobre o tempo e o espaço:

Teorias relacionais (segundo as quais espaço e tempo são redutíveis a coisas e eventos) e as absolutas (que proclamam, considerando o tempo e o espaço, sua irreducibilidade), ou entre as teorias objetivas (para estas, os predicados temporais básicos apontam relações físicas entre instantes e acontecimentos também físicos) e as subjetivas, mais sutis (onde aprendemos que as entidades temporais básicas são apenas instantes ou eventos ocorridos na mente)⁷⁷.

Ele coloca, após esta explanação, uma pergunta bastante relevante, “como pode alguém ocupar-se do espaço, dissociando-o do tempo”, sendo a narrativa “um objeto compacto e inextricável”?, respondendo em seguida que é viável aprofundar-se em um aspecto que se projeta sobre outros. A mesma opinião, menos geral, tem Hanna Soker-Schwager, que ainda ressalta o âmbito da linguagem:

I propose here is not to look at the city from a spatial perspective that regards it as either container or background, nor to see it as an

⁷⁷ Lins, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*, p.63.

entity. Instead, I consider it as a collection of daily actions that both populate and create the city. With this approach, the city is not merely described but is translated into a language of action⁷⁸.

Procedimento idêntico notado por Gisela Heffes em *Las ciudades imaginarias em la literatura latinoamericana*:

el discurso – dialógico – nos coloca em la estructura propia del lenguaje. El discurso ubica, desde allí se habla y desde allí se escribe. No obstante, una ciudad discursiva consta de rasgos particulares: no solo constituye el imaginario del sujeto histórico, sino que se trata de una “performance”, una puesta em escena del discurso (...) ⁷⁹

O universo da obra ficcional permite a criação das mais diversas relações entre os elementos que constituem a narrativa. Neste caso específico, vemos uma narrativa projetada notadamente no espaço urbano de modo que é preciso questionar qual a relação entre a cidade ficcionalizada e a cidade real, histórica. É importante lembrar que em um primeiro momento a cidade e suas atividades não eram o foco das atividades do novo *ishuv*:

as atividades ligadas à terra eram enormemente estimuladas em oposição àquelas da vida diaspórica: o comércio, a atividade bancária e a manufatura, pois “ocupar-se dessas atividades era perpetuar o modelo sócio-econômico diaspórico e arcaico, quando a verdadeira redenção devia ser alcançada com a criação de um novo povo no sentido mais amplo, abrangendo os aspectos econômicos, sociais, culturais e políticos.”⁸⁰

⁷⁸ Soker-Schwager, p. 249.

⁷⁹ Heffes, p. 57.

⁸⁰ Schwartzman, p. 19.

Gabriel Schwartzman, com efeito, aponta que havia duas orientações para a cultura de desenvolvimento do novo hebreu: uma nos moldes da paisagem bíblica, pastoril, cheia de heróis épicos e outra futurista, típica de movimentos progressistas, como a propaganda do realismo soviético, por exemplo. Neste ponto acreditava-se que a cidade não deveria ser pensada, ao contrário do alargamento das fronteiras pela conquista de terras e o estabelecimento das fazendas coletivistas (kibutzim e moshavim)⁸¹:

Although nineteenth-century utopias like Theodor Herzl's *Altneuland* outlined urban visions, they remained in the realm of literature. After the first world war, and with the rise of a local, agriculturally oriented socialism, such utopias were relegated to the margins of the Zionist creed⁸²

Nas primeiras linhas do livro “O discurso e a cidade”, Antonio Candido justifica sua escolha pelo conceito de “*redução estrutural*, isto é, o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que seja estudada em si mesmo, como algo autônomo”⁸³, é a estrutura literária do 'espaço' que será estudada a frente, partindo de um ensaio que considere fundamental, *Lima Barreto e o espaço romanesco*, de Osman Lins, e de um teórico medular para o desenvolvimento deste projeto, Walter Benjamin, principalmente seus estudos sobre o flâneur como tipo emblemático da cidade moderna.

O espaço pode ser, segundo Antonio Dimas, “transformado em ambiente quando esse projeta os conflitos vivenciados pelas personagens e podem passar, muitas vezes, a ser uma representação simbólica”⁸⁴. Oziris Filho⁸⁵, por sua vez, traz critérios mais acertos para as diversas categorias espaciais, partindo da toponímia, que seria, no geral, a teorização literária sobre o espaço, mas estreita sua opinião com a de Dimas (mesmo tendo partido de Gastón Bachelard), ao enfatizar o viés psicológico sobre o espaço. Onde, por exemplo, há o conceito de paisagem, a qual

⁸¹ Kibutz, plural kibutzim é a organização agrícola em torno da propriedade comum dos meios de produção e do lucro. Moshav, moshavim, são mais parecidos com cooperativas agrícolas.

⁸² Aravot, Iris, p. 82.

⁸³ Candido, Antonio. *O discurso e a cidade*, p. 9.

⁸⁴ Dimas, O espaço e o romance, p. 36.

⁸⁵ Borges, Oziris Filho. “Espaço e literatura, introdução à toponímia”.

estará ligada ao olhar do narrador ou da personagem. Quando se apresentar uma grande extensão de espaço aí teremos a presença da paisagem. Como se sabe, nenhum olhar é neutro, daí que a vivência da personagem e ou narrador determinará o conceito que esta terá do espaço que vê. Tal conceito circulará entre dois pólos: o de beleza ou o de feiúra.⁸⁶

Cabe conceituar, por rigor metodológico, categorias espaciais, como as de cenário e natureza, a primeira tendo como princípio o trabalho humano para produzir as coisas, modificando a natureza. Já ambiente inclui a psicologia, a subjetivação ou o que Oziris Filho chama de “clima psicológico”. Paisagem seria a introdução deste “clima” pelo olhar de um personagem ou narrador. O que não se diferencia muito de ambiente, constituído somente pelo olhar do narrador. Território entra como uma possibilidade de análise da estrutura espacial mais política e menos “técnica”, segundo o entendimento obtido, pois pressupõe disputa de poder em determinado espaço. Note bem, a categorização pode borrar-se ao pensarmos algumas relações.

No romance brasileiro *O cortiço*, por exemplo, a relação entre os moradores e o proprietário, João Romão, seria ambiente pelo tipo estrito de narrador em terceira pessoa, onisciente – sem a inovação do fluxo de consciência, ganho estético posterior – mas que coloca suas impressões para adjetivar, descrever, etc, os espaços. Seria também território, pela disputa entre as necessidades de moradia e a falta de dinheiro que impede que o aluguel seja pago ao português.

O que é possível dizer, deste modo, é que a classificação não ampara as proposições de sentido de uma obra. Ajudam a pensar a análise mas não comportam toda a possibilidade, ainda mais em um romance magistral como este estudado. Assim, com estas lições, os termos espaço e lugar intercambiam-se. Ambiente e paisagem também, ficando em oposição à natureza. Cenário seria uma categoria primária, sem os requintes do viés psicológicos dos personagens ou do narrador, ou ambos.

⁸⁶ Idem, p. 7.

Aproveitando esta importante lição de Oziris Filho em um artigo tardiamente descoberto, percebemos que a divisão feita entre centro e periferia vinda da leitura de Bolle⁸⁷ sobre Walter Benjamin corresponde ao item “macroespaço”; já “microespaço”, diz respeito às ruas e casas, conforme especulação da topoanálise. Outra hipótese possível seria a grande oposição cidade e campo, amplamente demonstrada por Raymond Williams em *O campo e a cidade na história e na literatura ocidental* como falseada, sendo construída para escamotear outras questões mais importantes, criando “comparações superficiais” impeditivas de “comparações reais”⁸⁸.

Das três personagens já descritas, Goldman foi escolhido⁸⁹ para iniciar a análise que será continuada pela relação com os cenários, em um processo chamado de:

ambientação dissimulada [a qual] exige a personagem ativa: o que significa que é um enlace entre o espaço e a ação. Leon Surmelian designa-a como “o método dramático”: “description blending with the flow of action”. É também à ambientação dissimulada que se refere Georg Lukács quando adverte, no seu ensaio “Narrar e Descrever”, não se deter a reconstituição do ambiente em Balzac, na pura descrição, vindo “quase sempre traduzindo em ações (...). Assim é: atos da personagem, nesse tipo de ambientação, vão fazendo surgir o que a cerca, como se o espaço nascesse dos seus próprios atos.”⁹⁰

Goldman, em seus périplos faz surgir ao leitor alguma qualificação a partir do seu modo de olhar, de seu estado de espírito, como, por exemplo, nos seguintes trechos: “caminhou lentamente ao longo da rua Allenby, agora quase totalmente vazia de carros e transeuntes”⁹¹.

(...) [Goldman] despediu-se dele com um aperto de mão e saiu. Fora estava uma noite hibernal extraordinariamente bonita: o céu escuro estava limpo e cheio de estrelas e o ar estava fresco. Goldman

⁸⁷ Ao tratar da ideia de “metrópole”, articulada à leitura de autores “periféricos” ao longo do livro, tais como Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

⁸⁸ Williams, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura ocidental*, p. 78.

⁸⁹ Questão de escolha, somente por conta de ter sido em uma cena com ele que atentei para o problema todo.

⁹⁰ Lins, Osman. p. 86-87.

⁹¹ PC, n. 202.

sentiu um grande alívio que aumentou à medida que se afastou do salão e transformou-se numa sensação de liberdade que o encheu de exultação e alegria (...) ⁹²

É como se os personagens, no caminhar, fizessem surgir o cenário. A mesma sinestesia que o Ulisses de Joyce proporciona. Um *pop-up* saltando pelos olhos da figura actante para o leitor, não só pressuposto, mas *performático*. E, ainda segundo Osman Lins “nas histórias onde o processo narrativo cresce em complexidade, o ambiente, mesmo quando não ligado à personagem por uma relação de causa e efeito, pode contribuir de vários modos para o relevo dos eventos narrados, isto é: situa e também enriquece.” ⁹³

Para tal análise, levarei em conta o que Benjamin coletou-organizou-analisou para conceituar a figura do flâneur e relacioná-la ao personagem Goldman, “baseando-se numa ‘teoria elementar do materialismo histórico’”, segundo a qual “a história se decompõe em imagens” declaradoras da “história social da cidade de Paris no século XIX” ⁹⁴.

O espaço surge enquanto “lugar praticado”, de modo que podemos ir além dos polos de saída e chegada na caminhada de Goldman e pensar a construção do espaço real que é ficionalizado a partir da linguagem esteticamente trabalhada, ou seja, da literatura, para entender a crítica construída por meio da visão desse flâneur.

O flâneur é o solitário que se imiscui e, ao mesmo tempo, se diferencia na multidão antevendo “a entrada de grandes massas no cenário da história” ⁹⁵. A diferença se dá ao saber que ele caminha pela cidade com o propósito de refletir sobre esta experiência ao ser assolado pelos estímulos da vida metropolitana ele se veste de filho da cidade. Em Baudelaire há a alternância das máscaras em “disponibilidade para o jogo teatral e a metamorfose” ⁹⁶. O contexto de seu surgimento está não só nas mudanças de relações do indivíduo frente aos novos vínculos sociais oriundos da vida na cidade grande como no

⁹² PC, p. 348-349.

⁹³ Lins, Osman. p.102. Note que o termo ambiente não possui a mesma acepção da categorização já explicada, a qual exigiria a participação da personagem.

⁹⁴ Bolle, W. p. 369 et passim

⁹⁵ Benjamin, W. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo, p. 235.

⁹⁶ Bolle, W. *Fisiognomia da metrópole moderna*. p. 371.

lugar do capital:

Os problemas mais profundos da vida moderna brotam da pretensão do indivíduo de preservar a autonomia e a peculiaridade de sua existência frente às superioridades da sociedade, da herança histórica, da cultura exterior e da técnica da vida — a última reconfiguração da luta com a natureza que o homem primitivo levou a cabo em favor de sua existência corporal (...) ⁹⁷

É por meio da figura do flâneur como representante de um espírito coletivo que é permitido entender a mentalidade de um “lugar histórico-social específico” que “está no limiar, tanto da grande cidade quanto da classe burguesa (...) tanto da grande cidade quanto dos desclassificados” ⁹⁸.

Diferente do flâneur que parte deste ponto explicado acima e esgarça sua atuação, saindo do anonimato e entrando na multidão, percorrendo as ruas e também as *galleries*, o *blasé* é o sujeito que expõe o paradoxo da vida da cidade grande: lugar de todas as possibilidades, dos des-encontros e do anonimato:

A incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter blasé, que na verdade se vê em todo filho da cidade grande, em comparação com as crianças de meios mais tranquilos e com menos variações. ⁹⁹

Aqui o contraponto oferece uma tipologia dos personagens, seria cada um deles – Goldman, Israel e César – uma visão de modernidade. Goldman este flâneur; Israel, o blasé e César, um hedonista. Diferente do que propôs Soker-Schwager, a autora acerta ao falar do modo como o flâneur funciona na construção de Shabtai, não havendo

⁹⁷ Simmel, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. [1903]. Trad. Leopoldo Weizbort. *Mana* vol. 11 (2), 2005, pp. 577-591.

⁹⁸ Bolle, W. *Fisiognomia da metrópole moderna*, p. 393.

⁹⁹ Simmel, G. *As grandes cidades e a vida do espírito*. [1903]. Trad. Leopoldo Weizbort. *Mana* vol. 11 (2), 2005, pp. 581.

diferenciação entre os três homens, que ela coloca como um herói dividido em três. Mais que a fragmentação do indivíduo moderno, como sugerido por tal divisão, há a falta do caráter coletivo na Modernidade, não há mais coletivo, passando assim, do homem integral e nacional da geração anterior (Efraim e Lazar, por exemplo, que actam como possíveis heróis) para a falta estrutural, anterior na concepção mesma e não posterior.

The male protagonists in Shabtai's works is a *flâneur*, who observes the busy city life around him as he walks the streets, but at the same time is part of the activity around him. In other words, he wants to be seen as well as to see, but fails in both respects. The two narratives¹⁰⁰ express the failure of power and propriety in creating unity and security for Israeli society.¹⁰¹

O cenário urbano aqui é o da cidade de Tel Aviv desde a década de 20 (contando com a idade de Goldman por volta dos quarenta anos) até o começo da década de 70. Goldman anda pelas ruínas de um bairro de casebres¹⁰² com tetos de zinco (relativos à primeira geração, dos pais), onde passara sua infância, para a cidade que cresce e se moderniza e, ao andar, ele vivencia algum tipo de experiência memorialística e surge um outro tempo em que “a rua conduz o flanador a um tempo desaparecido”:

O verão estava no auge e o gigantesco sicômoro, que lançava uma sombra verde, exalava um perfume forte que trazia à lembrança terrenos arenosos e campos virgens, vinhedos e pomares árabes, com seus frutos esmigalhados rolando pelo chão e manchando a calçada e a rua¹⁰³

Entretanto, ele não se dispõe ao exercício da crítica e atua fugazmente, indo do caminhar ao espaço privativo do lar sem reflexão; ele somente escapa para o trabalho –

¹⁰⁰ O outro romance ao qual ela faz referência é *Sof Davar*, traduzido para o inglês como *Past Perfect* e sem tradução para o português.

¹⁰¹ Idem, p. 141.

¹⁰² Chamados de ma'abarot.

¹⁰³ PC, p. 244.

nunca concluído – da tradução do *Somnium*, que é uma atividade intelectual, outro ponto de contato com a caracterização do flâneur. Ao mesmo tempo em que é de uma classe econômico-social que se firmou com o crescimento da cidade, com o ramo imobiliário. Goldman segue da rua à casa sem atuação, sem o que pode ser chamado de *performance*, ele parece ser somente receptor, anda, olha as vitrines ou seja, recebe os estímulos: “e Goldman, cujos sentimentos de serenidade e contentamento que o haviam enchido enquanto caminhava pelas ruas tinham se desfeito quando subiu as escadas e tocou a campainha”¹⁰⁴.

Conforme o enredo avança, ele parece despende mais tempo com os passeios, não deseja ficar mais em casa, assim, sua constituição como flâneur parecia aumentar, no entanto a repulsa pelo crescimento da cidade, ao mesmo tempo em que sem ela, ele não existiria, causam estranhamento:

Esta já não é a minha cidade e não será mais. “É só merda”. Enquanto andava, passou novamente o olhar pelo espaço vazio onde dois anos antes, num processo lento, já tinham acabado de demolir os casebres que o tinham ocupado e só num ou noutro lugar tinham restado ainda alguns, enegrecidos e dilapidados, que pareciam um rebanho de refugiados que tivessem perdido o resto de vontade de viver.¹⁰⁵

No labirinto urbano espraíram-se as possibilidades, mas em consonância com a crítica que Shabtai propõe, não foi a geração dos nascidos no Estado que realizou o sonho de outra *polis*. Um mundo onde seria possível exercer a liberdade, criando outros vínculos sociais, sem exploração, por exemplo. Mas bem ao contrário, criou o isolamento e a melancolia. A cidade pode ser como seu quarto? Em uma relação contraditória entre o público e o privado:

Paisagem – eis no que se transforma a cidade para o flâneur. Melhor ainda, para ele, a cidade se cinde em seus pólos dialéticos.

¹⁰⁴ PC, p. 203.

¹⁰⁵ PC, p. 243.

Abre-se para ele como paisagem e, como quarto, cinge-o¹⁰⁶

Outra relação importante para entendermos o flâneur é a do anonimato em meio à multidão, a qual surge apenas em quatro entradas no romance, todas em referência ao enterro de Efraim Goldman, como se houvesse uma miríade de enterros acontecendo ao mesmo tempo durante a busca de César e Israel pelo cemitério (“local de encontro para todos que vem ao mundo”). Em cada cemitério que entram, há uma pequena multidão e em nenhuma eles parecem se misturar:

Chegaram ao necrotério cujo pátio borbulhava com a multidão que tinha vindo prestar respeito aos mortos e acompanhá-los ao seu último caminho e, enquanto aguardavam, as pessoas andavam de um lado para o outro ou se aglomeravam em grupos e conversavam sobre mortos e doenças, sobre parentes e familiares, sobre o calor, sobre política e negócios¹⁰⁷

Goldman nunca passeia pela multidão marcando, assim, seu descolamento em relação a este aspecto de fruição da flânerie; há uma cena, no entanto, na qual vai com Israel para o cemitério de Kiryat Shaul onde ocorreu o segundo enterro do pai. O primeiro realizou-se em Holon por conta de um erro administrativo e, novamente, há uma aglomeração de pessoas e muito calor no caminho até ali. Se “em 1839 era elegante levar consigo uma tartaruga ao passear” obtendo uma “noção no ritmo do flâner nas galerias”, o que as duas duplas de homens (César e Israel e Goldman e Israel) conseguem no caminho do cemitério, a “urbanização dos mortos”¹⁰⁸, é alguma irritação por conta das pessoas e do calor, ao invés de observar a cidade: “[como] o palco do flâneur, onde “a rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes”¹⁰⁹.

A atitude dúbia do flâneur em relação às coisas, à multidão, ao outro, às ruas, às

¹⁰⁶ Benjamin, W. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. p. 186.

¹⁰⁷ PC, p.16.

¹⁰⁸ Le Goff, J. Por amor às cidades, p. 11

¹⁰⁹ Benjamin, W. *Lírico no auge*, p. 33. Et passim

lojas, seu desdém pelo moderno – ou pelas ruínas – ao mesmo tempo em que há atração, como bem nos explicou Benjamin, todos esses elementos são partes do conceito da *flanerie* que parece ser usada para compor a orientação de um personagem como Goldman. É como se somente esta cidade – não só a cidade *per si*, mas sua transformação – possibilitasse a actância dele, mesmo não completada, ficando na linha das contradições, no movimento dialético, do “jogo de máscaras” de Baudelaire. E também “o flâneur é o fetichista da mercadoria. Ele compartilha com ele a mesma condição, mas não sabe que ele também é mercadoria, 'não tem consciência desse detalhe'”¹¹⁰. Absorvendo, da forma mercadoria a ambiguidade entre a objetividade e a subjetividade.

Sua errância em mais de vinte cenas (quatro delas muito longas, com mais de três páginas cada uma) anuncia este procedimento narrativo, da dúvida. Em oposição à figura do sabra tão utilizada na literatura nacional-sionista como herói que luta pela posse da terra bíblica de seu passado imemorial:

The figure of the "mythological Sabra," the new native Jew growing up in the Land of Israel, provided an ideal type rather than a realistic portrayal of the Hebrew youth, but as such it served as a powerful cultural construct. The mythological Sabra emerged as a self-image and an educational model for the socialization of the Hebrew youth and new immigrants.¹¹¹

Nesse contexto Goldman é revelado como figura da contradição do status da israelidade como identidade que resolveria o problema do judeu em toda Europa. O talush, o errante, o desenraizado. “O judeu desocupa lugares”¹¹². É um nacionalismo resolvendo o problema de outros estados nacionais. Se ele não é nem o flâneur que a capital do capital, Paris, propiciou surgir a Baudelaire, nem Tel Aviv é a capital para a qual a narrativa sionista orienta ao chamá-la de “primeira cidade moderna dos judeus” então não há relação criada a partir de TLA como centro em direção, e vice-versa, para a

¹¹⁰ Bolle, W. p. 72.

¹¹¹ Zerubavel, Y. The Mythological Sabra and the Jewish Past, Trauma, Memory, and Contested Identities. *Israel Studies*, vol. 7, No. 2 (Summer 2002), p. 2

¹¹² Amâncio, M. Dois palhaços e uma alcachofra, p. 232.

periferia, há uma impossibilidade estrutural para não ser possível haver este flâneur. Se ele é um exemplo de flâneur, anda e manca por Tel Aviv, uma centralidade na periferia (esta em relação à Europa). E também um centro irradiador no novo homem do sionismo, figurado como o sabra.

Por outro lado, se ele é o flâneur e então há a centralidade de Israel para o judaísmo moderno, obtem-se a glória da empreitada sionista, a qual pode ser comparada à Revolução Francesa, pela sua empreitada libertadora; já a decadência da cidade, como metáfora da decadência do sonho emancipador destes primeiros sionistas: é a apoteose do mundo em ruínas que será reconfigurado com Haussmann¹¹³: “um dos novos prédios ricos que tinham sido construídos sobre as ruínas das aldeias árabes que a cidade engoliu”¹¹⁴ a entrada triunfal do progresso por meio da Modernização¹¹⁵.

Da mesma maneira que podemos atentar para uma análise pontual de Henry Lefebvre ao reivindicar o estudo das análises espaciais e não somente daquela históricas (“patriotismo das massas e antipatriotismo das classes dirigentes”). Os judeus expulsos da Europa assumem seu nacionalismo e “tentaram reapossar-se do espaço”¹¹⁶: aqui temos glória e esperança, não se joga um país ao mar, o Estado é necessário, entretanto o romance suscita, na primeira geração, um Estado-ágora. Um pequeno despertar, conforme afirma Benjamin: “despertar do passado as centelhas da esperança” que sai do tempo “vazio e homogêneo”¹¹⁷.

Cumpramos apontar o Plano Nacional de Cidades e sua missão colonial haussmanizando a Palestina e fortificando o país como uso do urbanismo “roma umigdal”, muro e torre.

Israeli architectural and planning practices differ in intensity (quantity) rather than in essence (quality) from other architectural practices

¹¹³ Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), investido no cargo de prefeito de departamento por Louis Bonaparte (Napoleão III), executou a reestruturação de Paris entre 1853 e 1870, seu nome é adjetivo de reforma urbana burguesa. Fonte: Lefebvre, H. “Espaço e política”, p. 189.

¹¹⁴ PC, p.181.

¹¹⁵ “Modernidade é a expressão artística e intelectual de um projeto histórico chamado 'modernização' – contraditório, inacabado e mal resolvido” apud Willi Bolle, “Fisiognomia da metrópole moderna”, p. 24.

¹¹⁶ Lefebvre, H. Espaço e política, p. 171.

¹¹⁷ Benjamin, W. Teses sobre o conceito de história, VI e XIII.

around the world. Zionist history merged modern utopias with changing architectural and urban trends and grounded them in the context of a national-territorial conflict (...) ¹¹⁸.

De modo que temos a espacialização do conflito refletido na figura contraditória do flâneur, conforme desenhado por Shabtai:

Griselda Pollock argues that the flâneur embodies modernity, individualism, and the universal themselves, representing the slogan “Liberty, Equality, and Brotherhood” with his very body, and, eventually, is identified with masculinity ¹¹⁹

A descoberta do Urbanismo pelo Sionismo ¹²⁰, deu-se talvez pelo retorno de arquitetos que estudaram na Europa. Arie Sharon ¹²¹, nasceu na Galícia (império Austro-Húngaro), foi para Israel e mudou seu nome, hebraizando-o, voltou para a Europa e estudou em Dusseldorf, com as perseguições nazistas, retornou para a Palestina e foi responsável pelo plano nacional de cidades em Israel após a Guerra da Independência/Catástrofe. Como aconteceu com ele, vários outros profissionais também se engajaram nessa relação com o desenvolvimento do país, pois “[o] espaço depende de interesses divergentes e de grupos diversos que, no entanto, encontram unidade no Estado” ¹²². “Reitero, portanto, que existe uma política do espaço, pois o espaço é político”.

Havia um modo de planejamento urbano, tanto para as chamadas *aiarot hapituach*, cidades de desenvolvimento, como para as construções de casas para trabalhadores (*meonot ovdim* ¹²³, concebidas e financiadas pela *histradut*, a central sindical) que,

¹¹⁸ Civilian Occupation, p. 25.

¹¹⁹ Nota de rodapé n. 56 de Soker-Shwager.

¹²⁰ המפעל הציוני /hamifal hatsioni, a empreitada sionista. Importante historicamente é pensar nas transformações da lei otomana desde o mandato britânico.

¹²¹ Arie Sharon, a Bauhaus graduated and one of the prominent architects of Israel's Labor Movement, was commissioned to establish the governmental Planning Department” *A civilian occupation*, p.64.

¹²² Lefebvre, H. Espaço e política, p. 53 e, seguinte, 67.

¹²³ This representation attempts to portray it as an immigrant city. It strives to restore the Jewish

guardadas as proporções, serviram para fixar os lugares e descentralizar o indesejado, seja ele o árabe ou, posteriormente, o judeu oriental:

Se o espaço deve ser de fato pensado como um sistema de “contêineres” do poder social (para usar a imagem de Foucault), segue-se que a acumulação do capital desconstrói perpetuamente esse poder social ao dar nova forma às suas bases geográficas. Dito de outra maneira, toda luta para reconstruir relações de poder é uma batalha para reorganizar as bases espaciais destas. É à luz disso que podemos melhor compreender “por que o capitalismo reterritorializa sem parar com uma mão o que estava desterritorializado com a outra” (Deleuze & Guatarri) (1992, p. 217)¹²⁴

E, para focar na visão específica do local:

It argued that the Labor movement, and more specifically the leading party, Mapai, initiated labor-intensive industrialization, directed the immigrants to dependent peripheral locations, and placed them in proletarian and marginal positions (Swirski 1981, 1993).

Assim começou a ser criada uma possibilidade de vida urbana em detrimento da vida rural proposta pelo início do sionismo e Tel Aviv cresce exponencialmente, vide o mapa anexo, adaptado de “Narrative-myths and urban design” de Iris Aravot. Entre 1923 e 1938 a cidade aumenta de um pequeno bairro, Achuzat bait, ao maior centro urbano da região. Sua importância populacional e econômica nunca foi contestada, o que foi consolidado após a Guerra dos Seis Dias:

roots of urban space and of the sabra, roots that have been removed in the Zionist discourse. On the other hand, it is also as though Shabtai creates a native secular myth, describing “little Tel Aviv,” “the first Hebrew city,” by means of a monolithic and naïve panoramic picture with sand dunes, white buildings, blue sea, and sky. This myth is an echo of the messianic and utopian spirit that has pervaded the entire Zionist project. Socker-Schwager, opus cit.p. 241.

¹²⁴ Eagleton, Terry. Condição Pós-moderna, apud Moacir Amâncio, p. 62.

o embate cultural e político entre a direita e a esquerda israelense é também uma marca da era pós-sionista e em forma figurativa é simbolizado pelo confronto ideológico entre duas cidades que são Jerusalém e Tel-Aviv. Ironicamente, Jerusalém, que tinha se tornado o baluarte da oposição anti-sionista quando os primeiros imigrantes começaram a chegar, acabou por transformar-se após a Guerra dos Seis Dias na fortaleza do novo patriotismo e nacionalismo sionista. Já Tel Aviv, que surgiu como o símbolo de uma nova era, como o prenúncio do renascimento nacional e por isso fortaleza natural do patriotismo e onde foi proclamada a independência de Israel, tornou-se nas últimas décadas o baluarte do pós-sionismo e do secularismo e este, por sua vez, é rotulado como a maior expressão cultural da esquerda política de Israel.¹²⁵

Desde a era pré-estado a estratégia de construção baseou-se na relação horizontalXvertical do muro e torre (*romá umigdal*) para garantir a ocupação e o assentamento de cidades em desenvolvimento e zonas de produção rural ao longo do Estado, mesma lógica aqui entendida para Tel Aviv criando o desenho do espraiamento da cidade de Tel Aviv, suscitado pela leitura de Shabtai, principalmente porque ela se dá por meio do planejamento urbano e arquitetônico:

O Plano Diretor preparado por Sir Patrick Geddes coincidiu com mais uma grande onda migratória para a então Palestina, a "Quarta *aliá*", especialmente de judeus provenientes da Alemanha, que chegavam fugindo das perseguições nazistas. Entre estes estavam os arquitetos que tinham deixado Tel Aviv no final da década de 20 e também uma nova leva de arquitetos alemães. Estes introduziram nas construções um estilo chamado de "Moderno internacional",

¹²⁵ Schwartzman, p. 86. Aquilo que pode parecer, até aqui, como um elogio ao campo retoma o kibbutz urbano como forma de crítica à cidade: a reação é nostálgica pois, se o plano sionista de trabalhar a terra parece ser contestado pela construção da cidade, a resposta adequada (apesar de paradoxal) é trazer o campo para a cidade e instaurar um kibbutz urbano! Que não sai do papel, já que o grupo envolvido neste projeto despende três anos discutindo o estatuto da instituição, que é a indicação da ironia cerzindo toda a obra, em consonância com a mudança da comunidade para a metrópole, a circulação de pessoas e de mercadoria. E tudo, em todos os aspectos da vida cotidiana, é transformado em coisas.

"Modernista" ou "Bauhaus", da academia de arquitetura de Walter Gropius, na Alemanha, que deu o nome a este estilo. Entre 1930 e 1956, a cidade ficou rapidamente repleta dessas construções simples, funcionais e lineares, com tetos retos e paredes brancas, criando a impressão de uma cidade branca, vasta, limpa e alinhada¹²⁶.

É a instauração do fixo, claro, reto, claro e harmônico na tentativa de realização completa e apolínea da cidade na modernidade: “em 1919 foi inaugurada a Bauhaus. Seu escopo específico era concretizar uma arquitetura moderna que, como a natureza humana, abrangesse a vida em sua totalidade”¹²⁷

The official discourses of revival, settlement and construction of the new Jewish State have been the declared central ideas of Israeli architecture since its inception in the 1950's. The new place and a new construction were the site and the tool through which the project of settling the Jewish people in the Land of Israel was realized. They lay at the heart of the territorial conflict that followed, and became the central values and key metaphors of Israel's ethos.¹²⁸

Havia uma congruência nos discursos do mandato britânico e os sionistas, pois a lei britânica foi sendo moldada a partir da lei otomana (de 1858), conforme os interesses ali em jogo. Mark LeVine¹²⁹ explica as diferenças entre os termos em árabe para os tipos de terra e como isso foi apropriado pelas lideranças judaicas, corrompendo políticos da municipalidade de Yafo/Jaffa, sendo incorporadas aos planos de cidades, pela

¹²⁶ Morashá, p. 1. *Alyá*: onda migratória, *alyot*, plural; possui acepção de subida, elevação.

¹²⁷ Gropius, Walter. *Bauhaus: Novarquitetura*, p. 30.

¹²⁸ A civilian occupation, p. 40.

¹²⁹ LeVine, Mark. “Conquest through town planning: the case of Tel Aviv, 1921-48. Poderia se pensar se os termos no romance “aldeias árabes”, p.15 e 250, “pepinais e laranjais árabes” p. 168 e “ruínas de aldeias árabes”, p. 180. “vinhedos e pomares árabes”, p. 244. são a expressão dos arredores por onde Tel Aviv espalhou-se.

especulação, etc. Uma espécie de cercamento dos campos, na coincidência da incorporação das terras comunais das aldeias árabes, transformadas em cidades.

The State of Israel initiated immense transformations in the geography of the country: seas were dried up, roads were laid, forests were planted, deserts were made to bloom, towns and cities were founded. In Israel, every view of the landscape is merely a single frame taken from one continuous documentary film. (...) always as a single co-ordinate on the long path of construction or ruin¹³⁰.

Qual o lugar do político, enquanto espaço da ágora? Em consequente ausência, o espaço público. O que o leitor encontra em *Passado Contínuo* é a exposição em close, de um amplo horizonte de angústia do humano moderno, o privado atuando ao mesmo tempo em que mostra o subjetivismo reificado.

Parecia que Tel Aviv, fundada como uma pólis, democrática, um sonho outro, era uma saída, mas num instante a sociedade de consumo se instaura e o que vemos é a especulação imobiliária e a transformação da cidade, agente e produto. Agente de separação e, fundada como símbolo de emancipação, onde a realidade esmaga o sonho fundador dos pioneiros. E, como produto, cidade do mercado mundial e de consumidores, cosmopolita. Se Shabtai continuasse o livro hoje, veria o filho de Ella com trinta anos vivendo numa metrópole, plugado, solitário e ausente. Talvez, para abrandar a culpa, militasse em um movimento qualquer, confirmando este princípio de agir.

Retomando a sequência de périplos de Goldman, vemos que o caminhar suscita-lhe bem-estar “cujos sentimentos de serenidade e contentamento que o haviam enchido enquanto caminhava pelas ruas tinham se desfeito quando subiu as escadas e tocou a campainha”. A liberdade que fez com que experimentasse a:

sensação de liberdade que o encheu de exultação e alegria que se estenderam pela sua carne, a ponto de despertar nele um desejo de correr e de se desfazer neste ar agradável, cujo contato lhe causou

¹³⁰

Idem, p. 52.

felicidade junto com a visão e as ruas vazias, cujo fato de serem estranhas ou conhecidas não despertou nele nenhuma sensação de opressão ou alegria porque sentia que não tinha mais nenhuma ligação com elas, como não tinha mais nenhum vínculo. com as pessoas que tinha deixado no salão ou com qualquer outra pessoa¹³¹

De modo que desfazer-se neste ar agradável¹³² como que para mesclar-se, imiscuir-se ao material urbano, de ruas vazias, sem carros. “e com o mesmo entusiasmo e sentimento feliz de liberdade que beira a sensação de dissolução da existência que tinha experimentado naquela noite”¹³³. São as ruas, com seus prédios, as árvores, sua atmosfera que o colocaram diante da decisão do suicídio:

Tirando o trabalho com o *Somnium*, Goldman passeava muito pelas ruas, principalmente à noite; ele não sentia nenhuma necessidade de dormir, ao contrário, a falta de sono fazia-o sentir-se embriagado de tanta energia e, ao mesmo tempo, evitava encontrar-se com algum dos conhecidos; ainda antes disso tinha parado de ir à praia, abandonara o Bullworker e evitava atender o telefone; também não ligou para ninguém, nem para César ou para Israel

Parece ser quando ele perde a sensação de ligação com a cidade que resolve se matar pois o encadeamento das cenas dá-se de forma elíptica (como mencionado anteriormente sobre a forma narrativa), uma cena que instaura-se por associação e é desenvolvida longamente – detive-me nas cenas de andar nas ruas, há uma mudança de assunto e alguma outra rememoração volta à cena de andanças dele, dizendo que passaram-se alguns dias. De modo que ele discute o suicídio com o Tio Lazar enquanto jogam xadrez, “após alguns dias” o tio retoma o assunto enquanto continuam o jogo; entre uma cena e outra: saem da casa e Goldman resolve acompanhá-lo até a casa de sua avó, Hava, que está sob os cuidados de Shmuel e Bracha, neste ponto a tia lhes

¹³¹ PC, p. 349.

¹³² *Stadtluft macht frei*, "O ar da cidade liberta".

¹³³ PC, p. 350.

serve comida e pergunta como estão, repentinamente a cena é cortada e já acompanhamos Goldman:

que caminhou lentamente ao longo da rua Allenby, agora quase totalmente vazia de carros e transeuntes, com todas as lojas já fechadas, envolta na sombra agradável-triste do entardecer da véspera do sábado e numa grande tranquilidade; ele sentiu o encanto do entardecer da sexta-feira e o amor pela cidade em que nascera e crescera, um amor que só raramente, num momento de graça, imperturbável, tornava conta dele como tal. Foi até a Avenida Rothschild, as mãos entrelaçadas nas costas, e enquanto caminhava seu olhar passeava pelas vitrines; quando chegou à avenida, parou e permaneceu no lugar por alguns instantes olhando serenamente as árvores que estavam cheias de passarinhos e as pessoas que estavam a caminho da sinagoga¹³⁴

Algumas páginas mais focadas em outros personagens e então ficamos sabendo que ele é chamado para cumprir os três meses de atividades no exército como reservista, convida Israel para comemorar, ligando do escritório e interpõe-se quatro páginas de flânerie de Israel durante a qual é citada uma briga com Ella. “Neste meio tempo chegou a data da partida de Goldman para o exército; ele servia como enfermeiro numa unidade baseada no deserto do Sinai e na véspera da partida convidou César e Israel para jantarem no Helfgott”¹³⁵.

Durante o jantar, exatamente entre um corte de uma porção de carne e outra ele relembra a visita que fez a Avinoam e Audrey em um kibutz, faz mentalmente planos de se mudar para o campo, o que sugere seu desapego com a cidade, termina por embriagar-se. Voltando para a casa rememora um encontro com estes aparentados e sabemos que a cena não se dá cronologicamente, ao contrário, só na lembrança dele por haver a presença da irmã, Naomi, morta há muitos anos, recontada por um estranho que serviu junto com ela. Insisto nesta continuidade para entendermos que a perda de elo com a cidade faz com que ele morra: nesta última rememoração de Goldman ele se

¹³⁴ PC, p. 202.

¹³⁵ PC, p. 230.

lembra de ter querido morar no campo, chegando até a marcar uma visita ao kibutz.

Ele se lembrava do acontecimento em detalhes como se tivesse ocorrido no dia anterior, a ordem em que se sentaram em torno da mesa, as roupas que todos usavam, a louça e a comida, os sabores da comida e as expressões do rosto, o tom de luz que havia no quarto. Sorriu para si próprio, ou talvez só sentiu que estava sorrindo, e por um momento lhe ocorreu ir ao Vinte e Nove para beber algo, mas se sentiu demasiadamente feliz para fazê-lo. Por isto continuou a passear pelas ruas, e depois foi para casa¹³⁶

Onde se mata, em seu quarto.

Israel, que na quarta-feira no fim da tarde veio visitá-lo e ver o que estava acontecendo e o descobriu morto na cama depois de ingerir comprimidos para dormir e tomar conhaque¹³⁷

O mesmo Israel que faz o primeiro e o último deslocamento no enredo. O primeiro acontece pela janela do ônibus que o leva (junto com César) à busca do enterro de Efraim. Com efeito, temos contato com o primeiro relato da mudança do espaço urbano por meio das memórias dele:

Israel disse "Está bem" e olhou pela janela empoeirada do ônibus para as lojas e os transeuntes e o prédio do cinema que, em sua época, quando era garoto e o lugar era um campo arenoso, tinha visto naquele lugar o pai de Goldman, de casquete na cabeça e roupa suada de operário, empurrando um carrinho de mão e junto com outros operários colocava as fundações do prédio. Também então o ar estava cheio do cheiro de flores de lilases e de espirradeira e o céu estava limpo de nuvens, mas então ele estava azul e fresco e o ar estava puro e agradável, até mesmo um pouco

¹³⁶ PC, p. 349.

¹³⁷ PC, p. 351.

frio, como naquele dia de outono, no entardecer¹³⁸

As descrições que parecem surgir a partir da memória de Israel continuam, juntamente com o entrelaçamento da descrição de cenários da natureza, naquilo já explicado como ambientação dissimulada. Cada bloco de paisagem, aparentemente descolada, como uma simples caracterização inicia um canto irônico da natureza, interpolado com algum tipo de mudança, como uma espécie de chave que abre a memória e chama a atenção para olhar o ambiente. Segue, do mesmo modo quando ele e César saem do primeiro cemitério e vão para o segundo, já que não encontraram o morto:

Israel, a quem nunca ficou claro porque o pai de Goldman havia matado Nuit Sombre naquele dia de outono, ao entardecer, olhou para o eucalipto do outro lado da rua e para os carros que passavam e continuou calado, caminhou silenciosamente atrás de César que abriu para eles caminho no meio da multidão de enlutados e pedintes que avançavam rudemente. Quando saíram do cemitério e caminharam pela rua estreita em que de um lado havia campos e viam-se ciprestes e pomares e do outro lado havia cantarias para pedras tumulares, a caminho da rua principal onde pretendiam pegar um táxi ou um ônibus para chegar ao cemitério de Nachalat Yítschak¹³⁹

Efraim mata Nuit Sombre, isto é lembrado por Israel, ao passar pelo lugar onde era um campo arenoso na infância, e hoje é um prédio. Assim segue seu cotidiano entre a prática de órgão na Igreja de Santo Antonio, caminho que se dá em direção ao sul da cidade – ao contrário de Goldman; os encontros com Ella e passeios com César, nos quais deslocam-se de carro depois que ele é consertado. Importa atentar para a exclusividade de sua relação com Ella, já que ele não possui nenhum parente.

Neste meio tempo a chuva diminuiu e os dias começaram aficar

¹³⁸ PC, p. 13.

¹³⁹ PC, p. 15.

mais longos e cada vez mais claros e quentes. Israel levantou-se uma manhã e foi para Jerusalém tentar encontrar trabalho como aprendiz de organista em uma das igrejas e com isto romper com Tel Aviv da dependência de César e abrir uma nova página em sua vida. O dia estava admiravelmente bonito, inundado de sol e puro, e havia. no ar azulado e nas paisagens que via do ônibus. algo embriagador e atraente. Ele olhava para fora tranqüilamente, muito calmo, como se todo o tempo do mundo fosse seu¹⁴⁰.

Então ele encontra seu *affair* andando em uma rua de Jerusalém e descobre que ela está grávida, os dois vão tomar um café e ele pergunta quem é o pai, ela não responde. Ele retorna à Jerusalém e após um mês volta a procurá-la, encontrando-a na enfermaria de um hospital, no seu estado comum de apatia, sem querer segurar o recém-nascido para dar-lhe de mamar. Israel recua uns passos, dá meia volta e sai. O livro termina com a desolação ou seria um novo começo?

Cumpre notar que as andanças de Israel não se configuram da mesma maneira que a *flanerie* de Goldman. O que fica bastante marcado, no entanto, é seu caráter blasé, no sentido daquele que encerra-se em si e não se importa com as relações sociais, pois é possível entender a vida anímica urbana conforme Georg Simmel, como o lugar dos conflitos (mas também das possibilidades), fazendo surgir o blasé, que se esconde dos estímulos.

O fundamento psicológico sobre o qual se eleva o tipo das individualidades da cidade grande é a intensificação da vida nervosa, que resulta da mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores¹⁴¹.

¹⁴⁰ PC, p. 356.

¹⁴¹ Simmel, p. 578.

Tais estímulos, da mudança da pequena Tel Aviv com seus núcleos familiares coesos – não há um julgamento moral, como se a vida fosse melhor no passado, relações sociais não mediadas, na subjetividade das personagens surgidas das relações sociais: as festas, o cotidiano, as brigas; para a cidade aumentada, a caminho da metrópole.

Israel é representado como apático, sem energias e, principalmente, como um adulto dependente e sem iniciativas. Ao mesmo tempo em que seus pensamentos sobre pessoas ou situações são mostradas com uma verve, crítica, fruto de alguma reflexão, estabelecendo uma relação de interioridade e exterioridade, criando aquilo que Simmel chama de caráter blasé como uma “adaptação da personalidade mediante as quais ela se conforma com as potências que lhe são exteriores” tornando-o incapaz “de reagir a novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada”¹⁴², tendo sua “essência no embotamento frente à distinção das coisas; não no sentido de que eles não sejam percebidas, como no caso dos parvos, mas sim de tal modo que o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos” sendo uma “disposição anímica [que] é reflexo subjetivo e fiel da economia monetária completamente difusa”.

Ainda resta falar sobre César, o último vértice do triângulo de personagens da geração da Independência, filho de um empresário rico, muitíssimo parecido com o pai, tanto fisicamente como moralmente. Ele é um fotógrafo, dono de um imenso carro com o qual escapa da cidade¹⁴³ ao menor sinal de problemas, seja com uma de suas inúmeras amantes, com o filho adoentado ou com a ex-mulher. Suas descrições aparecem grotescas e fortes: ele está sempre suando, veste roupas nada discretas e leva sua câmera sempre pendurada no pescoço. Há uma cena dele com um baralho de mulheres nuas no bolso, o qual exhibe para Israel. Importa mostrar as relações dele com estes objetos por meio dos quais relaciona-se com o mundo.

Em primeiro lugar, há o carro um Plymouth velho e riscado com o qual ele desloca-se na cidade opondo-se ao flunar, como Goldman, que o havia consultado sobre comprar

¹⁴² Idem, et passim.

¹⁴³ PC, p. 222.

um motocicleta, na hipótese irônica de acelerar seus deslocamentos, tal efeito ocorre com César. Quanto à máquina fotográfica que está sempre em seu pescoço e, durante todo o enredo, só é usada para fotografar Eliezra enquanto ela se despe. O que poderia ser a hipótese dele estender seus sentidos pelo uso de máquinas, na verdade acaba aqui: nem isto está posto. De modo que sua consciência está reificada, mesmo ainda com os sentimentos viscerais de medo e depressão, os quais são os únicos descritos pois, enquanto Goldman fazia um esforço grande de entendimento e Israel, por sua vez, conservava em seu exemplar de blasé o raciocínio sobre as pessoas e suas relações, César só age:

ele pegou a máquina fotográfica e viajou para fora da cidade, depois de ter passado algumas semanas confusas cheias de esperanças que se elevavam ao céu e que no dia seguinte de manhã evaporavam¹⁴⁴

E também, "Estou com problemas", e após um momento de silêncio disse "Mas vou fugir para a Itália ou para os Estados Unidos. Não se preocupe". p. 208.

Há em seu stúdio o quadro com um casal de velhinhos sentados no qual ele atira facas e seu consumo de mulheres, o que denota suas relações mediadas, significação também inscrita nos reflexos que o leitor pode imaginar a partir do quarto do studio revestido de espelhos, onde está o piano de Israel. "Ele havia instalado espelhos no teto e nas paredes para poder fotografar Eliezra, os quais irritavam muito Israel (seu caráter blasé refletido e sendo visto por si), pois desde o momento em que abria os olhos sua imagem se refletia para ele de todos os lados"¹⁴⁵.

Nos espaços privados, a casa em geral e, como sugere Osman Lins ao citar Butor "descrever móveis, objeteos, é um modo de descrever os personagens, indispensável"¹⁴⁶. É o mesmo procedimento adotado com o espaço por meio das personagens, seu estado psicológico, as relações contrastiva, como a casa dos Goldman na pequena Tel Aviv,

¹⁴⁴ PC, p. 293. e em p. 208 César diz que está com problemas e que irá para a Itália ou para os Estados Unidos, denotando, mais um vez, seu comportamento escapista.

¹⁴⁵ PC, p. 107

¹⁴⁶ Lins, O. Opus cit. p.97.

época de infância e a era metropolitana.

A análise voltada para os interiores, em oposição aos espaços externos, anteriormente analisados como *ruas*, será a partir do cotidiano urbano. Não mais a exuberância que o urbano causou e denotou no flâneur do Baudelaire, por exemplo. Mas, agora, no comecinho do dia-a-dia, na frugalidade, ou não, de um instante que o personagem passa em seu quarto, suas atividades, relações e observações. Esta escolha parte da ideia defendida desde a justificativa e metodologia: a cidade, suas transformações, são agentes e consequências das mudanças que estamos observando ao longo do mais de um século de tempo do enredo.

“O *intérieur* representa para o burguês o universo. Ali, ele reúne o longínquo e o passado. Seu *salon* é para ele um camarote no teatro do mundo”¹⁴⁷. Isto se encaixa perfeitamente para a descrição e uso da casa de Ervin, pai de César? Ratifica Raimond Williams ao falar da mansão senhorial herdada da tradição rural inglesa e nós falamos da casa assobradada, que pode ser chamada de mansão em português, na qual encontramos a expressão de “disponibilidade abstrata e indiferença de função”, servindo, no caso de Ervin, o novo rico, ex-comunista e *bon vivant*, para suas reuniões familiares e de amigos de negócios, onde eventualmente, discutem novas negociatas. Sendo, “analogamente, no plano emocional [...] centros de poder isolado, de suborno ou intriga, ou dos chamados 'símbolos de status' – isto é, abstrações – do sucesso, do poder e do dinheiro adquiridos em outro lugar, que, de modo conveniente, não são enfocados”. Mas ao contrário daquela mansão senhorial, que decaiu (e não foi lamentada pelo nosso crítico), a casa do novo rico, mantém-se e o que decai, são as pessoas que adoecem, morrem, enlouquecem.

A preocupação de Zina com a casa de Ervin, sempre apresentada como âmbito do feminino, e no entanto são os homens que a regem. De fato quem trabalha nela cozinhando e limpando são as mulheres, sempre restritas ao círculo doméstico, como já mencionado. Zina reclama constantemente de dores nas pernas, que eram muito bonitas e tinham ficado azuladas, inchadas e pesadas¹⁴⁸ havia também a loucura de Ervin, a qual instaurava-se paulatinamente, de isto era refletido na casa: “e a vida da casa tinha

¹⁴⁷ Benjamin, apud Bolle, p. 67.

¹⁴⁸ PC, p. 119.

perdido toda a forma e era conduzida como uma festa num processo de morte e desintegração.”¹⁴⁹

Na casa da família Goldman há a louça tcheca, dada por um locatário, funcionário aduaneiro que “não gastou muito” para presenteá-los. A louça ficou trancada por conta de Efraim, sendo usada em raros momentos. Após a sua morte dele eles vão usar o que restou dela: um pires e duas xícaras, uma com a asa quebrada: “finalmente podia-se usar sem temor a louça tcheca, pois o pai havia morrido e tudo era permitido”¹⁵⁰.

Durante vinte e cinco anos, desde quando ganharam o serviço de jantar, a louça fora mandada em uma cristaleira. Stefana-Regina

sabia que o que a aguardava e carregou principalmente os sofrimentos e humilhações e feios escândalos que acompanharam o processo de destruição do jogo, que tinha começado ainda na época de Yehiel e Shoshana Lebenkopf, que tinham vindo morar como inquilinos no lugar do rapaz de Danzig, e se prolongou até quase a morte do pai de Goldman, quando então só restavam deste belo conjunto apenas três pires e duas xícaras e, numa delas, aquela cuja asa estava inteira, Goldman servia ao tio Lazar o café quando se sentava para jogar xadrez.¹⁵¹

Há bastante representação de austeridade na mobília no apartamento deles, cadeiras de encontros eretos, sofá velho e desgastado, mesa marrom e grande, tudo é descrito de modo direto, sem floreios, em oposição aos interstícios dos cenários de natureza, já explicados. O apartamento é acessado por um longo e estreito corredor por onde chegam Israel e César para o *shivá*. Também onde Lazar avisa Goldman sobre a loucura de Stefana-Regina. Também é por onde entra Efraim após seu exílio voluntário. É uma linguagem direta para as descrições curtas (não somente do corredor, mas dos outros cômodos, mobílias e objetos também).

¹⁴⁹ PC, p. 91.

¹⁵⁰ PC, p. 43.

¹⁵¹ PC, p. 189/190.

Já com o quarto de Goldman, a partir do momento em que ele e Israel saem da sala de visitas onde ocorre o shivá, e – do mesmo modo que a adjetivação para com as ruas, onde ocorre o surgimento *performático* da cidade, é possível perceber a sensação de opressão, tristeza e solidão, como um fechamento no íntimo do personagem, passando para o leitor não a paisagem da cidade, mas a decadência da vida individual:

Exceto por um período durante a Guerra da Independência (...) e excluindo as três semanas nas quais esteve casado com a bela Yemima Tshernov, Goldman não deixou o quarto. Durante os anos em que nele morou o aposento sofreu apenas pequenas modificações: a mesma cama de ferro estava ali, coberta com o tapete de lã rústica bege, com alguns enfeites em verde que desbotou, e sobre ela as mesmas almofadas duras, cobertas de linho florido, que Regina tinha costurado. Diante da janela, havia a escrivaninha antiga descascando e, a sua frente, a cadeira marrom com encosto arredondado; no canto do quarto ficava a poltrona pesada e canhestra (...). Junto a ela, diante da cama de Goldman, a estante de portas de vidro; até o candelabro de três braços e o tipo de cortinas nas janelas eram iguais; a principal modificação era o pó que se percebia em tudo e o cheiro ténue de velho que havia no quarto, apesar de, como sempre, o quarto estar extremamente limpo; alguns objetos foram acrescentados entre os quais destacava-se, pela feiura, um abajur de pé (...)¹⁵²

Àquela casa cuidada por Zina é adornada por móveis macios, há sofás e poltroas na sala, além de um terraço onde Ervin recebe seus sócios. Também falam de vasos de porcelana, máscara africana e o exuberante cachorro Henri que despertava respeito¹⁵³, o qual pode ser comparado àquele morto a marretadas, de outra época e espaço.

Aos três homens, escala de desbotamento do heróis, do sabra esfacelado até a

¹⁵² PC, p. 55.

¹⁵³ PC, p. 125.

possibilidade do heróis da geração anterior, podemos contrapor Lazar, representante do termo ACHUSAL¹⁵⁴. Ele é um dos primeiros da genealogia a fazer a *aliá*, muda seu nome de Goldman para Schwartz para adotar o nome dos falsos pais e entrar no país pela cota familiar de um casal que não conhecida, segundo as leis do Mandato Britânico: de homem de ouro para preto, de brilho para a ausência de cor, apontando o caminho decadente de toda a família. A ironia fica por conta da cultura sionista de criar nomes e sobrenomes 'fortes' e otimistas e rebatizar todas as pessoas chegadas do exílio, com seus nomes diaspóricos.

Ele é apresentado aos leitores como um militante, um homem valoroso e engajado quando, principalmente, destaca-se como *partisan* para lutar na Brigada Internacional da Guerra Civil Espanhola. Um herói universalista em oposição ao herói nacional que depreende 18 anos de exílio na Sibéria (precisamente em Yakut), onde aprendeu diversas técnicas para lidar com a natureza, no frio intenso e que perde a construção do país, pois se ele saiu em 1936, mais ou menos, e ficou dezoito anos exilado, só retornou em 1954, seis anos após a fundação do Estado.

O modelo do herói moderno, em oposição ao herói épico é o de um homem simples, mas engajado, um *partisan*, este que, como demonstrado, manteve seu *modus operandi* cotidiano intocado ao longo da vida é ele, também um dente na engrenagem. Mais apolíneo, adjetivo aplicado ao caráter, mas o é. Reificado. Autômato das ideologias. E também como expressão, ele só, em um enredo notadamente masculino, em oposição a todos os outros homens. Deixando bem marcada a diferenciação

E, retornado, encontra a esposa casada, pois pensavam que ele havia sido morto por franquistas. Após um período de estudos fora do país, volta à Israel e mantém uma vida simples e tranquila: visita a mãe Hava já muito idosa, joga xadrez com Goldman. E tenta se reaproximar dos filhos, sem sucesso. Importa dizer que estas relações fora do cotidiano mezinho, os momentos de reflexão, de atitudes salutaras é um desvelo do tecido sufocante da vida cotidiana na metrópole: há resistências destes personagens alegóricos (não em todos) em serem reduzidos e consumidos “em um mecanismo

¹⁵⁴ Acrônimo para o sujeito asquenaze, *hiloni* (secular), *vatik* (veterano, em oposição ao novo imigrante), socialista e nacionalista ou sionista, a exemplo do termo WASP. Foi criado pelo sociólogo Baruch Kimmerling.

técnico-social”.

Lazar, ao ser revelado para o leitor como uma parte no todo de significação, que aponta para a reificação, cala, a descontinuidade dos fragmentos e oposições. E traz a contestação como movimento contrário, mas que engloba, aquilo que se contesta. Por isso é que é para ele que Goldman apresenta o folheto do Bullworker, desvelando seus desejos e, aqui também, um salto que rompe o fluxo contínuo da narrativa no nível formal, afirmando o conteúdo continuado, criando uma elipse: focos-polos e fugas de órbita. E também pela elisão.

Não há desdobramentos políticos de impacto na estrutura social a não ser na vida privada, onde ele perde as relações pelos anos longe. Por outro lado ele é parte da 'história oficial' como um herói. Então ele leva uma vida constituída de uma rotina racionalizada: visitas nos mesmos dias para as mesmas pessoas (como para a Stefana-Regina e Goldman), e acaba morrendo com um gás venenoso que vazou da casa vizinha ao ser detetizada, página 320 do romance.

Encerrando a interpretação sobre as personagens principais voltamos à comparação com Joyce. Na sequência: Goldman, Israel e César e Bloom, Stephen e Molly.

A genialidade de Ulisses está na dramatização de três formas de consciência (três personagens, três caracteres) – Bloom, Stephen e Molly. A interação entre eles, mas ao mesmo tempo a falta de conexão entre eles, é a tensão da própria composição da cidade. Pois o que cada um apresenta para o outro é um papel simbólico, e a realidade a qual eles talvez venham a relacionar-se não é mais um lugar e um tempo, apesar da preocupação do autor em datar aquele dia em Dublin. É um padrão abstraído – mais exatamente, imanente – de um homem e mulher, pai e filho; uma família que não é uma família, nascida do contato, da procura mútua, através de um mito, uma história. A história não está nesta cidade, mas na perda de uma

cidade, a perda dos relacionamentos. A única comunidade cognoscível está na necessidade, no desejo, das formas de consciência aceleradas e separadas.¹⁵⁵

Os personagens não são diferentes daqueles do Proust ou do Joyce: o comezinho, o cotidiano, as sequências de atividades não heróicas, as pessoas simples e, como uma rápida efervecência, um monólogo pungente, um tempo de deter-se sobre um assunto que angustia, buscando formas de resolvê-lo, os questionamentos sobre a existência sendo expostos. Pois não há uma relação que não seja reificada e, deste modo, fica a ruína, o desgaste e a perda. Ou, outro exemplo, o do romance de formação clássico (*Bildungsroman*), onde o personagem aprende, retifica-se, reflete e, de alguma forma toca um ponto do espírito onde consegue desalienar-se. Em *Passado Contínuo* não viceja nada além do salto para a nova vida do filho de Ella e, quem sabe, Israel. Todos os outros estão desenganados.

Um outro grupo de personagens que pode auxiliar o entendimento das relações de reificação é o dos personagens secundários também representantes da *achusalidade*, destacando os pais Efraim e Ervin, já apresentados e, na sequência, aparentados ou amigos dos dois grupos familiares, tais como Manfred, Max Spilman, Besh, Zvi, Moshé Tselemier, etc. De modo que os tipos usados até aqui para analisar a vida urbana dão conta de uma parte da problemática onde a cidade está inserida no contexto de cidade capitalista de modos de produção (Lefebvre), a qual engrena as relações sociais em exemplos de alienação e reificação.

É a metrópole agregadora da cidade e da anticidade, engrenada pelo capital especulativo, pelo lucro da terra e não somente mais do trabalho que lidamos agora. É o fim do ideal da Bauhaus e suas habitações coletivistas do ideário modernista¹⁵⁶ e a passagem para o estágio seguinte do urbano. Neste ponto as personagens mais ricas do enredo são agrupadas sem que seja possível que esqueçamos a origem simples de todos

¹⁵⁵ WILLIAMS, Raymond. "O campo e a cidade na história e na literatura", p. 331.

¹⁵⁶ Antes a coletividade parecia obtida pela necessidade e não precisava ser espacializada por técnicas construtoras para ocorrer.

eles, pois não há vida metropolitana sem a especulação da terra e sem seus homens de negócio.

Neufeld é um que enriquece com a guerra e na especulação de terrenos, começa comprando dois caminhões e trabalha para o exército britânico (antes mesmo da proclamação do Estado), ganha dinheiro e reinveste, compra vários terrenos, até aqueles ao lado das aldeias árabes, depois dos laranjais, sobre os quais todos o olhavam como um louco que tivesse comprado terras arenosas no Saara, ao mesmo tempo que o único terreno que adquiriu para si, ótima oposição – foi o do cemitério para ser enterrado ao lado de sua esposa Yafa (irmã de Zina; esta, mãe de César):

Ele era um homem simples e diligente, que começou os seus negócios – com uma pequena oficina de sapateiro e, lentamente, com as economias e dedicação e cuidadoso aproveitamento das oportunidades, transformou-a numa oficina para fabricação de calçados, que apesar do fato de não ser uma grande fábrica, sempre dava bons lucros¹⁵⁷.

Já Zvi foi fazer doutorado sobre milho transgênico¹⁵⁸ em Utrecht, não conseguiu publicar porque um inglês publicou quase a mesma pesquisa, casa-se na Holanda com Beatriz (que ensina Hebraico Antigo Oriental na Universidade), não quer ter filhos, pois eles não podem escolher nascer; a mulher quer e ele a chama de egoísta...

Depois continuou a conversa que mantinha com Ervin a respeito da política de solos do governo, principalmente sobre a questão da liberação de terrenos para construção e transformação de solo agrícola em solo urbano.¹⁵⁹

Ele milita na organização clandestina Lehi, o que o afasta do irmão, antigamente socialista, mas

¹⁵⁷ PC, p. 121.

¹⁵⁸ “A racionalização é imprescindível sem a especialização [do trabalho]”, Marx, apud Lukács, opus cit, p. 202.

¹⁵⁹ PC, p. 128

após o estabelecimento do Estado, cujo caráter foi se tornando cada vez menos ao gosto de Zvi, Ele assumiu posições de oposição que foram ficando mais extremas, principalmente após a Guerra dos Seis Dias. (...) também dizia que a política que era conduzida ocorria por arrogância e cegueira absoluta que nos haveriam de conduzir a uma catástrofe e que o país estava afundando num lodaçal de nacionalismo idiota e de grosseria e estava imerso num processo de fascismo e crescimento da violência sob o patrocínio religioso ou de outras teorias irracionais¹⁶⁰.

Max Spilman, na cena do *shivá*¹⁶¹ de Efraim, exorta Regina a comprar terrenos para especular ou tratores para o trabalho na construção civil, além de investir na bolsa, ao contrário de Shmuel (cunhado de Lazar e Efraim, casado com Bracha) que diz a ela para manter-se com a venda da coleção de selos. Spilman diz a ela:

que investisse em equipamento de mecânica pesada, um trator ou um caminhão e o arrendasse a algum empreiteiro, porque estes estavam agora fazendo fortuna em obras de desenvolvimento e trabalhos de fortificação e, se se tratava de investimentos especulativos, então não investiria em moedas e medalhas, mas preferiria investir em ações, principalmente de bancos ou de companhias de investimentos ou terrenos, porque ações dão dividendos

Ele mesmo um investidor, sócio de Ervin em uma empresa de fortificações e concreto especial, um esquerdista radical, que se opunha ao casamento e prefiria formas de amor livre, não compareceu ao casamento de sua irmã com Lazar, justamente por isso. Já Shmuel investiu em diversos empreendimentos, um apostador, que vivia com prodigalidade:

¹⁶⁰ PC, pp129-130.

¹⁶¹ Cerimônia de luto onde as pessoas vão à casa dos parentes do falecido para sentarem-se. Há rezas e pequenas refeições. O termo vem do verbo *lashevet*, sentar-se.

atuou em diversos assuntos de corretagem e até de casamenteiro e, mais tarde, porém, depois que fechou também a loja de vinhos, ocupou-se do comércio de ferro e materiais elétricos; foi sócio de um cinema e fundou toda espécie de companhias de investimentos e uma firma para importação de carne que durante algum tempo lhe trouxe um bom lucro até que passou a ter problemas e foi liquidada. Nos últimos anos, teve um belo rendimento de um grande restaurante do qual era sócio e do comércio de carros usados e aluguel de veículos, mas, por outro lado, perdeu consideráveis somas de dinheiro com Bernie Cornfeld, em ações da companhia AOS que havia adquirido (...), através daquelas [destas] ações, tornou-se sócio da Lockheed, General Motors, Telefunken, Fiat, Philips, Mitsubishi, IBM, do gigantesco conglomerado de diamantes e ouro De Beers e de mais algumas dezenas de indústrias prósperas, refinarias, companhias de navegação, bancos e imobiliárias por todo o universo e também de minas de manganês, cobre, ferro e urânio e dos mais ricos poços de petróleo do mundo que em breve seriam descobertos nas profundezas da terra congelada do Alasca.¹⁶²

Yosef Leviatan é o homem, principalmente na cidade, que está entregue à opressão econômica e espiritual constante, que se agrava cada vez mais à medida que a cidade cresce e se torna estranha e violenta, tira da sua vida toda medida de liberdade e toda dimensão de espiritualidade e celebração e a transforma em “algo baixo e desprovido de significado e esperança e até simplesmente prazer”. Ele chegou a conclusão de que é preciso agir para modificar esta situação e “por influência do modelo do kibutz, concebeu a ideia de que é possível obter esta mudança através de comunas urbanas que devolverão ao ser humano o que o mundo roubou dele”¹⁶³

Como não poderia deixar de ser, seguindo a lógica da divisão geracional, também

¹⁶² PC, p.36.
¹⁶³ PC, p.52.

na narrativa do cotidiano urbano, no macro espaço, vemos as diferenças entre a Little Tel Aviv e a Tel Aviv da atualidade (no tempo do enredo). Em primeiro lugar a percepção do descolamento, da separação e ruína nos relacionamentos conforme pensado por Goldman.

Eram seus primos, mas este parentesco, assim como o que tinha com os demais membros da família, tinha se transformado no decorrer dos anos numa sensação que tinha perdido todo o sentido vivo e era algo embaraçoso e, mais de uma vez, também opressivo, porque fora do fato concreto da ligação familiar, que existia na consciência como um sistema de deveres e compromissos dos quais é impossível se liberar a não ser através de repúdio e de dar as costas, reinava entre eles um estranhamento, pois cada um deles se voltara numa outra direção e se fixara em outro lugar e num outro universo, e a maioria ele só via muito raramente de modo ocasional e alguns, principalmente os filhos dos primos e suas famílias, jamais tinha visto, ou havia visto há tantos anos e tão rapidamente que não os reconheceria se se encontrassem na rua, diversamente dos dias de sua infância quando os familiares, parentes e amigos viviam perto um do outro e tinham compartilhado a mesma experiência e, além de casamentos, nascimentos e enterros; encontravam-se frequentemente aos sábados, feriados e reuniões partidárias ou profissionais, ou simplesmente em alguma noite da semana a fim de tomarem chá, e tagarelarem e discutirem. Goldman não sentia em geral qualquer falta devido a esta desintegração¹⁶⁴

Muitíssima apropriada é a interlocução com Sérgio Buarque de Holanda que Odete Seabra realiza, “a modernidade instaurava um processo de complexificação social porque começou a comportar uma ordem impessoal e abstrata que desafiava a ordem doméstica e familiar da comunidade”, relacionada à estrutura da família ampliada de Walter Laquer,

¹⁶⁴ PC, p. 272.

que é expressa como aquelas que viviam na Pequena Tel Aviv.

Para Jaeho Kang essa transformação está ligada à desintegração da comunidade, e marca a transição de um comunidade coletiva para relações sociais individualistas, da *Gemeinschaft* à *Gesellschaft*, na terminologia de Ferdinand Tönnies¹⁶⁵. “Em uma sociedade moderna, o indivíduo é padronizado e representado em termos de uma entidade funcional que é constantemente reproduzível”¹⁶⁶.

De um ponto de vista específico, para pensarmos as relações a partir da casa, Kurt W. Forster (crítico da obra do arquiteto Frank O. Gehry, apud Moacir Amâncio), ao expor a relação entre a famosa obra da casa de Santa Mônica e a “destruição da imposição paterna protetora, o que implica centro e deslocamento, tornando a casa uma espécie de armadilha” em substituição à “ficção da estabilidade, onde cada membro da família tinha o seu papel definido tanto dentro do clã, como no quadro social”¹⁶⁷, aponta uma relação plausível para as ruínas das casas da infância que Goldman visita e a desintegração das casas e das pessoas na segunda geração. Ou seja, também na arquitetura esta desagregação pode estar presente, afirmando-a e deixando-a exposta ou negando-a¹⁶⁸.

É repetido ao longo do romance os personagens que tornam-se proprietários e possuidores de símbolos de status burguês, notadamente associados à decadência e perda. Neste âmbito, da actância, tudo se perde: da vida à morte. Regina esquece o hebraico e torna-se a cada dia mais reclusa, Ervin enlouquece, Besh engorda em demasia, Zina sente as dores e dormências nas pernas, o suicídio de Goldman e a desistência de lutar por qualquer coisa de César.

No segundo momento ficou patente como esta desagregação apoia-se no espaço, pois Goldman aproxima-se do local onde cresceu, um amontoado de ruínas e há um grande rememorar lembrando-se da época passada:

¹⁶⁵ Da comunidade à sociedade. Cássio Brancalone: “Comunidade, sociedade e sociabilidade: revisitando Ferdinand Tönnies” (trecho de dissertação).

¹⁶⁶ Kang, Jaeho. “O espetáculo da modernidade – a crítica da cultura em Walter Benjamin”. *Novos Estudos* n. 84, julho de 2009, p. 221. (pp. 215-233)

¹⁶⁷ Amancio, M. p. 32.

¹⁶⁸ Goldman visita o bairro de casebres e encontra-se com Haim Leib que não o reconhece. O passado não percebe o presente, até que Goldman cita o nome dos pais, sendo então reconhecido. O passado é reconhecido no passado.

no lado oposto estava funcionando uma enorme escavadeira. De dia a dia, num número reduzido de anos, rápida e incansavelmente, a cidade tinha alterado a sua aparência e realmente a olhos vistos dominara o campo de areia, os campos não cultivados, os vinhedos e laranjais, os bosquezinhos e as aldeias árabes, e depois as modificações começaram a invadir as ruas mais antigas, em que aqui e ali havia casas simples de um andar, rodeadas por um pátio com alguns arbustos e canteiros de flores, e por vezes também canteiros de verduras e morangos, assim como ciprestes e poinsetias, limoeiros, laranjeiras e mixiriqueiras, ou construções em que haviam feito uma tentativa de lhes dar um caráter arquitetónico e um esplendor de casas européias, em estilo parisiense, vienense ou berlinense e até de castelos e palácios. Mas tudo isto não tinha futuro algum porque eram antigos e não condiziam com o gosto e modo de vida novos, principalmente porque o aumento estonteante dos preços de terreno e os preços dos apartamentos tomara a sua existência um enorme desperdício e possibilitava aos proprietários obter por eles lucros imensos ¹⁶⁹

Na cidade o espaço fragmenta-se na sucessão infinita de construir e destruir e, por extensão, o homem está dilacerado também, buscando sentido total ao tentar conjurar seu tempo de trabalho com o tempo do *hobby*, do gosto advindo da fruição, como por exemplo, a tradução que o Goldman pretende, o *body building*; a pornografia de César e o piano de Israel. Deixando os pedaços do que é humano também ausente. E sem o transcendente, onde “as diferentes temporalidades históricas ficam inscritas nos lugares”, é uma frase que cito a partir de Seabra e que, no entanto, vem de Milton Santos, “o espaço é um acúmulo de tempos”.

Olgária Matos comenta Walter Benjamin no mesmo sentido só que relacionado ao tempo: “pois este mundo é sem transcendência, abandonado ao arbítrio das

¹⁶⁹

PC, p. 249/250.

significações”¹⁷⁰, trazendo a ideia do Eterno Retorno, uma percepção do tempo esvaziado de significações, de futuro e de vida “ao mesmo tempo em que ele se prolonga indefinidamente, porque ele é progresso e catástrofe”. Não existe a nostalgia, a dor do retorno, mas o aprisionamento no tempo do passado como se o futuro prometido nunca chegasse.

Mas ele [Goldman] se lembrava de tudo como se tivesse ocorrido na véspera, e isto lhe causava perplexidade, como sempre lhe causava perplexidade, ainda que de tipo diferente e também incômodo

A tradução é uma tentativa de descobrimento, do mesmo jeito que o Kepler, por sua vez, também tentava descobrir o mundo, e do mesmo modo que o autor, além da crítica dual, polarizada, interpola o salto, pop up, arremesso para fora da obra, a performance da leitura. O Lazar lê por amor e na tentativa de compreender o mundo cambiante¹⁷¹.

Se Kepler pode figurar como um desejo de fuga, no enredo pelo trabalho de Goldman com a tradução do *Somnium*, na intertextualidade com a história contada no livro *Somnium* da mulher que envia seu filho à Lua, então uma interpretação possível é que o *Passado Contínuo* aponta para o rememorar da história e, entrelaçado, da história oficial uma salvação ¹⁷² em meio ao caos da Modernidade.

No artigo “Territórios de uso: cotidiano e modo de vida” Odete Seabra, visa a discutir o cotidiano e o modo de vida baseados no conceito de vida cotidiana, analisando o dia a dia urbano da cidade de São Paulo, especificamente o caso de Alphaville e sua relação com a favela do entorno. A vida cotidiana como conceito, corresponde a uma articulação que totaliza espaço e tempo na modernidade; que reúne e distingue, em diferentes níveis, o particular e o geral, o singular e o universal, o abstrato e o corpóreo.

¹⁷⁰ Matos, Olgária. *Aufklärung* na metrópole: Paris e a Via Láctea. In: *Passagens*, p. 1127, et *passim*.

¹⁷¹ PC, p. 166.

¹⁷² Seria a Literatura um messias?

Onde, na urbanização contemporânea, conforme explica Sérgio Martins a partir de Henri Lefebvre: “o espaço envolve o tempo”. No mundo das mercadorias, o consumidor não compra apenas um espaço mais ou menos povoado com signos de prestígio e hierarquia social. Ele “também adquire uma *distância*, a que vincula sua habitação aos lugares: os centros (de comércio, de lazeres, de cultura, de trabalho, de decisão) [...] compra-se um emprego do tempo”. Ao tempo, recortado em fragmentos (tempo de trabalho, de consumo, de lazer, de percurso, etc.) vinculam-se espaços com os atributos e práticas correspondentes. Mas apesar de despedaçados e despedaçantes, os espaços-tempos encontram-se essencialmente ligados à reprodução das relações sociais de produção.

Sendo assim, o urbano atualmente traz o cotidiano surgido a partir das mudanças das “formas de uso do tempo vivido” (...) “que o cotidiano urbano prolonga e explicita o sentido da urbanização capitalista pela generalização de um modo de vida no qual foram sendo aprofundadas as separações no âmbito da vida social. Ao mesmo tempo que também “é um processo de concentração (de homens, de produtos e de coisas) nas cidades, capaz de articular os vários fluxos materiais e imateriais, numa convergência que deu forma à metrópole, até um ponto que o fenômeno urbano *mudou de qualidade*¹⁷³”. O qual:

eleva o cotidiano, enquanto expressão da vida cotidiana na modernidade, à teoria do conceito. No cotidiano urbano realizam-se todas as abstrações. Inclusive, o processo de valorização do espaço, enquanto abstração da forma mercadoria realiza-se como abstração concreta, delimitando territórios.

Pois a “ascensão da cidade significa, de fato, um triunfo do geral sobre o particular, do intelectual sobre o material, do abstrato sobre o corpóreo. Que as abstrações estão fundadas em práticas, por isso podem, ainda, desdobrarem-se quer em representações do mundo real ou do mundo urbano, na cidade” abstração concreta é a saída da prática social, de modo que os desejos reificados, principalmente analisados da tríade de personagens, mas de todo o romance no espaço e no tempo, são melhor encenados na

173

Grifo meu.

cidade: “as funções e atributos econômicos da cidade sobrepujaram todos os outros, o que, em termos históricos, corresponde à formação da metrópole capitalista”.¹⁷⁴ Pois a cidade, além da fabricação das coisas:

tinha, entre outras, essa função de consumo, complementar à produção. Mas a situação mudou: o modo de produção capitalista teve de se defender num *front* muito mais amplo, mais diversificado e mais complexo, a saber: a re-produção das relações de produção [que] não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazeres e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro.¹⁷⁵

Acho importante neste ponto usar um conceito a partir da demanda do objeto. Chama a atenção o desfile de marcas ao longo do romance, vide a questão da motocicleta, objeto imediato do desejo de Goldman ou a ruptura formal da inserção do panfleto do bullworker[®] único ponto durante a paragrafação contínua interrompida por várias páginas, já que “a essência da estrutura da *tabulae lunari* mercadoria (...) se baseia no fato de uma relação entre pessoas tomar o caráter de uma coisa”, ocultando todo o traço de sua relação fundamental que é a relação entre os homens¹⁷⁶; em um breve pesquisa no Google[®], encontrei o que poderia ser a relação entre as 'pessoas', criando outro efeito irônico: Jean Taxier, o Mister França existiu realmente. Além de um “um consultor de elite de educação física”¹⁷⁷ foi autor de vários livros sobre astrologia, marcando um traço de identificação com o astrônomo Kepler, também notável por suas *tabulae lunari*.

Assim, cumpre entender que a reificação advém do caráter da mercadoria, como “um problema central e estrutural da sociedade capitalista em todas as suas

¹⁷⁴ Levebvre, H. Espaço e política, p. 191.

¹⁷⁵ Lefebvre, H. Espaço e política, p. 7.

¹⁷⁶ Lukács, G. História e consciência de classe, p. 194.

¹⁷⁷ PC, p. 195.

manifestações vitais”¹⁷⁸, pois as relações entre as pessoas tomam “o caráter de uma coisa e, dessa maneira, o de uma objetividade fantasmagórica”, ocultando a fundamental relação entre os homens. O fetichismo cria então, conforme segue explicando Lukács, uma “forma de objetividade, de um lado, e do comportamento do sujeito submetido a ela de outro”, alertando para o entendimento desta dualidade.

Dualismo que aparece em *Passado Contínuo* de várias formas: textualmente como as oposições que geram os sentidos de contradição e ruptura como estruturantes da narrativa. Bem como o lembrar e esquecer, apontados no sentido último de significação total do romance. Formalmente, ou seja, na paragrafação contínua da escrita em oposição à fragmentação de histórias a partir do grande número de personagens. Etc.

Estes dualismos, se lidos rente ao texto ficam eles também reificados, como se o romance fosse uma obra fechada e não apontasse, saltasse (pop up) fora das páginas. Ler sem exacerbar ou analisar sem a utopia pois “não existe pensamento que não explore uma possibilidade, que não tente encontrar uma orientação”

O salto dialético que a leitura do romance propicia é sair das relações polares: dos focos da elipse. Àquelas oposições binárias de amor e ódio, morte e vida, alegria e tristeza: e outras tantas que podemos depreender de cada cena, de cada personagem ao longo do enredo, temos que estirarmos e pensar além da contação, do tartamudear incessante. O que se elide? Talvez que o fetiche do livro seja descolar sua 'realidade interna' da realidade social, por exemplo. Era, então, a sociedade que buscava renovar os laços com a terra, transformar sonhos e ideais em uma forma de governança justa e mais igualitária e que, conforme as análises até aqui, tornou-se sociedade de consumo. Mais um país na rota da Modernização capitalista e, por conseguinte, da circulação de mercadorias.

A criança nasce em Jerusalém porque Tel Aviv está arruinada para criar uma nova vida e que dependendo do projeto de cidade e, porque não dizer, de sociedade, que temos em conta após todo o percurso imagético suscitado pela leitura de *Passado Contínuo*, vemos a paulatina decadência da cidade enquanto possibilidade de pólis, da vida comum que já discutimos de modo que podemos chamar, à maneira de Pinder

¹⁷⁸

Lukács, G. História e consciência de classe, p. 193 e 194, et passim.

adjetivando Debord: it can be seen as part of a tragic narrative of urban decline.¹⁷⁹

Segundo a explicação de Gagnebin sobre o termo *Erfahrung*¹⁸⁰: experiência coletiva, na qual o historiador materialista deve enraizar-se para transformar as práticas, a partir de Benjamin, onde a Modernidade mata a possibilidade de experiência coletiva. De modo que a morte da experiência coletiva, o surgimento do individualismo a partir do espraçamento da mercadoria como paradigma de todo o sistema desemboca na ruína e morte.

Rachel Haris em “Decay and Death Urban Topoi in Literary Depictions of Tel-Aviv” aponta a flânerie de Goldman e as areias da praia tomando a cidade como marcas da decadência apondo a ideia europeia de cidade, que nos ideais sionistas seria uma cidade como nenhuma outra. Segundo suas análises sobre os quatro romances que ficionalizam Tel Aviv, ela aparece como um monstro, uma prostituta ou uma selva¹⁸¹ Para Shabtai, em Passado Contínuo, cito a fala de Besh, tio de César:

Besh parou de rir, sorveu um grande gole e disse "Não se vê mais areia. Mas não se preocupem, a areia ainda cobrirá toda esta cidade. Com a areia não se pode brincar." Seu rosto estava agora frio e ele falou solenemente, e depois que sorveu mais um gole acrescentou "Esta cidade não merece viver. É simplesmente um mal-entendido. Pensam que é possível brincar. É em vão. Isto é um cemitério"¹⁸²

A mesma significação que as andanças pelos cemitérios feitas por César e Israel e depois Israel e Goldman. Mostrando que as contradições entre a pequena Tel Aviv e a metrópole Tel Aviv pode se findar em um cemitério. No final tudo acaba mesmo. Mas até aí, a vida cotidiana, articulada no espaço e no tempo, tenda manter os sujeitos como partes de todo o processo de alienação.

¹⁷⁹ Pinder, D. p. 240.

¹⁸⁰ Gagnebin, J-M. História e Narração em Walter Benjamin. p. 1.

¹⁸¹ Rachel Haris em “Decay and Death Urban Topoi in Literary Depictions of Tel-Aviv”, p. 79.

¹⁸² PC, p. 136.

Última página de *Las ciudades imaginarias em la literatura latinoamericana*, Gisela Heffes fala de Fukuiama, do fim da história e coloca a América Latina como ausente deste “consenso”, restando esperanças de sonhos coletivos, de mudanças nas paisagem, onde o Passado Contínuo lido *desde* o Brasil fulgura como um manifesto anti-nostalgia.

A nostalgia é o desejo que vai ao passado¹⁸³, de modo que o romance joga com o tempo proustiano onde o presente nunca pode ser adquirido, somente seu deslancar para o passado ou as projeções para o futuro: nostalgia ou desejo puro, já que a nostalgia é a o desejo “que marcha hacia atrás”¹⁸⁴. Já a interpretação da ficção pensada no contexto histórico é o tempo presente, o agora. E não somente ele citado de maneira enciclopédica, mas de um ponto de vista material e dialético, roçando história à contrapelo, que explode a história dos vencedores em milhões de fragmentos.

O radicalismo de Shabtai não acaba em somente, como se não bastasse, criticar toda as pessoas, todas as relações, em colocar sempre a mulher, por exemplo, como do lar, que – como já dito, quem sai deste ciclo de casamento e cuidados com a casa e filhos, morre. É preciso ir além, e colocar a mancha tipográfica contínua, esgarçando cada sentença para além e encadeando-a em outra que a contém e avança, no fluxo interminável de associações, feitas por uma voz sem pés, nenhum platô. A continuidade que ex que explode o *continuum* da história. O *Jetzeit*¹⁸⁵, o tempo de agora, de Benjamin e o leitor performático requerido todo o tempo, “pois esse conceito define exatamente aquele momento em que ele escreve a história”. Do autor que escreve a história e do leitor que a inscreve.

O que aparece mostrado como a máxima expressão política da emancipação dos judeus entornou em formas repositórias de vida: o homem reificado, receptáculo da circulação cada dia mais ampla de mercadorias: espectros. Homens alienados e desintegrados.

Tel aviv é o próprio kibutz urbano, na mesma medida em que as personagens são a

¹⁸³ Heffes, Gisela. *Las ciudades imaginarias em la literatura latinoamericana*, p.252.

¹⁸⁴ Idem, p 253.

¹⁸⁵ Benjamin, Teses XV e XVI sobre o conceito da história. *Jetzeit*, tempo de agora, revolucionário, do momento oportuno.

realização do novo judeu no indivíduo consumista, na cidade que se espraia, com seu ar que liberta e as infinitas possibilidades encaixadas dentro do tempo regulado do cotidiano.

Foi esperado que a permeabilidade dos textos “Kaiserpanorama” e “A caminho do planetário”, os quais considero precursores de “Teses sobre o conceito da História”, de Walter Benjamin, tanto pela poética, como pelo formato inovador e, *mutatis mutantis*, relacionados ao romance de Yaakov Shabtai, tenha orientado este estudo. Pois foi no estado de “embriaguez” que se fez a leitura, pelos sentidos dos textos em sinestesia, a priori, e não racionalmente, “no espírito da técnica”. De modo que foi permitido “ler a contrapelo”, famosa expressão do teórico que incita a historiografia a pensar a partir da visão dos vencidos e que no romancista vimos nas ruínas e no puído dos personagens. E, das ruínas que os 'vencedores' criaram no espaço dos vencidos, na Europa ou em suas colônias, construiu-se a centelha, surreal do despertar do sonho e, ou, da prática política.

É o elogio à Literatura o ponto para a conclusão dessa longuíssima cadeia: não parece haver conjuntos de pessoas que possam dispor de tempo para refletir, para analisar, sonhar e divagar sobre a história de si, da família, a tradição e a formação de um país, jovem, há de se dizer, para, se podemos chamar assim, mergulhar numa fruição memorialística; caberia à Estética, articulada na Linguagem, a possibilidade de passar em revista de um século de História por meio da *boca chiusa*, da contação, das histórias individuais de quase duas centenas de personagens.

Depois de tantas palavras, tantas vezes corrigidas e ainda falhas, nas quais buscou-se um exercício de crítica sobre um objeto que só pode ser conhecido por nós porque e na medida em que é criado por nós mesmos¹⁸⁶.

¹⁸⁶

Lukács, p. 342

Anexos

As relações matrimoniais ou amorosas estão dentro das formas, ou círculos, ou quadrados. A intenção é que a leitura se dê a partir de Goldman e César, os dois que possuem parentes. Eventuais omissões de personagens deram-se graças à relevância menor deles no roteiro. Tanto as árvores, como o mapa foram diagramados por Sálvio Marcelo Soares.

O panfleto do Bullworker foi encontrado em uma das inúmeras buscas realizadas com a ajuda do Google.

Clã Goldman

Clã César

בולדורקר הופך נערים לגברים של ממש

אחרי
דא-פון
קרינה
(מר צרפת
הצעיר)

ז' פ. ברנייה הינו בן 30
גובה 173 ס"מ
בשקל 80 ס"מ
חזה 126 ס"מ
רוחב כתפיים 54 ס"מ
שרירים 44 ס"מ
צוואר 33 ס"מ
מחניים 15 ס"מ
ירכיים 56 ס"מ
שוקיים 44 ס"מ

שכרתי בתאונה 3 צלעות, והחלפתי לבצע
איכונים להתאוששות. בחרתי בבולדורקר
משום שקל להתאמן בו בבית. התחלתי והשיפור
היו מהירים ובה דימויוני עד כי
בהם 6 חודשים, הופתעתי: חברי הסוב רשם
איתי להתחרות כך צרפת - וזכיתי.
בולדורקר באמת עצום, אני מסליץ עליו לכל
בחר צעיר המכונין בגוף חזק - במהירות
ולא יפס יוצא

בולדורקר עובר לתוצאות שתוכל
לראותן ולמודדן בתום שבועיים של
אימונים בני 5 דקות יומיות, ולא -
לא תשלם.

נכון. בשבת מחזקן הדרוש לך להתחלת
בולדורקר יקפץ את גופך למספרים מצוררי.
קמא (אצל הנכרים) והעוצה (אצל הצעירים)
5 דקות בלבד ליום - ואחזק ואפך -
תוצאות דחלילות לשריריות ומוחצות
חזה צדוק לחזה קסור וגברי
כרס עלובה לבטן טוחקת;
כתמים שטוחות לרחבות וחטובות;
רגליים בפרוריות ליסודות
איתנים והטובים. את
התוצאות תראה בבואת
וחאכה במרש בדירה
קפץ כבדתיים, ולא -
לא תשלם אגורה.
גוף ושלם את
החלוט עוד היום,
ואנו נשאל לך
את הבולדורקר לגיטי
מינס בן שבועיים,
ללא המתיבות כלשה.

© Mailex (Israel) Ltd

שובר הזמנה לנסיון חינם

שלה עוד היום לנסות בביתך את הבולדורקר במשך 14 יום חינם

אל: קיילקס (ישראל) בע"מ רח' המלאכה 3 איזור התעשייה. חולון 851-58

טקס מתוך המסגרת איזו הצעה אחת טעירה: 843185 טל.

☐ כן, אבקש לשלוח אלי את הבולדורקר לתקופת נסיון של 14 יום חינם. אם לאחר
שבועיים של איזון נוח, פשוט ויעיל בצורת הבולדורקר לא אחיה שבצירצון וכופשת מן התוצאות,
אשל אליכם בחזרה את הבולדורקר ובכך יסתיים חשני. אולם אם ארצה להמשיך בהכניית
האיזון בצורת הבולדורקר, כפי שעשו זאת אלפים שנים את המבטיר לפני, אני רשאי להשאיר
את הבולדורקר אצלי תמורת השלום של 25 ל"י שישולם כעבור 14 יום לאחר קבלת המבטיר
וכן 6 תשלומים חרשיים בוסמים בני 20 ל"י כל אחד (סך הכל 145 ל"י) או שתוכל
לחפור 15 ל"י ולשלם סך 150 ל"י בלבד כעבורן בתום תקופת נסיון החינם של 14 יום.

☐ אני מצרף התאמה בסך 125 ל"י (חשכון של 5 ל"י) כרכישה מיידית. אני רשאי להתחיר
את הבולדורקר בתום 14 יום ואקבל את כספי בחזרה.

התשלום: בנשידוי ביילקס או בסניפי בנק לאומי לישראל.

התימה הכרחית

שם משפחה

שם פרטי עיר רחוב מס'

מס' תעודת זהות גיל: מיוד 4.5.73 יד.

Bibliografia

ADORNO, Theodor. Notas de Literatura I. 1ª ed . São Paulo: Duas cidades, 2008.

ALTER, Robert. O romance israelense e a ficção pós-segunda guerra mundial. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, São Paulo: FFLCH/USP: Humanitas, nº 1, pp. 121-138, 1998.

ALTER, Robert. Life at the last moment. New York Times. 09/08/1987.

AMÂNCIO, Moacir. Dois palhaços e uma alcachofra, uma leitura do romance A ressurreição de Adam Stein. São Paulo: Nankim, sd.

ARAVOT, Iris, Narrative myth and urban design, Journal of Architectural Education (1984-), Vol. 49, No. 2 (Nov., 1995), pp. 79-91 Published by: Blackwell Publishing on behalf of the Association of Collegiate Schools of Architecture, Inc.

ARENDT, H. A Condição Humana. São Paulo: Forense Universitária, 2005.

BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. 4ª Ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. Passagens. Trad. Irene Teodora Helena Aron & Cleonice Paes Barreto Mourão; Rev. Técn. Patrícia de Freitas Camargo. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2006 [1983].

BENJAMIN, W. Obras escolhidas I - Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1ª ed. , 1985, 11ª reimpressão, 2008.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas II - Rua de mão única. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995. 5ª ed.

BENJAMIN, W. Obras escolhidas III - Charles Baudelaire- Um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994. 3ª ed.

BERGMANN, Edda. (supervisora). Ressurgimento da língua hebraica. São Paulo: Centro brasileiro de estudos judaicos da USP, 1970.

BÍBLIA. Português. *A bíblia de Jerusalém*. 7ª. reimp. Trad. Euclides Martins Balancin et alii. São Paulo: Paulus, 1995. Livro de Jeremias, cap. 31, vv 4.

MATOS, Olgária Chain Feres. "A cena primitiva. Capitalismo e fetiche em Walter Benjamin" In: BIGNOTTO, Newton (Org.) . Pensar a República. 1ª ed. Belo

Horizonte: Ed. Humanitas; Editora UFMG, 2000, pp. 87-104 .

BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna. 2ª ed. São Paulo: EDUSP-FAPESP, 1994.

BORGES, Oziris Filho. "Espaço e literatura: introdução à toponímia". In: XI Congresso Internacional da ABRALIC, São Paulo . (Resumo).

BRANCALEONE, Cássio. Comunidade, sociedade e sociabilidade, revisitando Ferdinand Tönnies.

BUCK-MORSS, Susan. Dialética do olhar, Walter Benjamin e o projeto das Passagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. São Paulo; 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

D'ANGELO, Marta. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. Estudos Avançados. Vol. 20, n. 56. São Paulo, Usp, 2006. pp.237-251.

DIAMOND, James S. "The intertextual function of Kepler's Somnium in Yaakov Shabtai's Past Continuous". In: Prooftexts; Setembro 1994, Vol. 14, Issue 3, pp. 249-265.

DIMAS, Antonio. O espaço e romance. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

ERAHSTO, Felício (org.). Internacional situacionista – deriva, psicogeografia e urbanismo unitário. Porto Alegre: Deriva, 2007.

FELDMAN, Yael. Zionism on the Analyst's Couch in Contemporary Israeli Literature. Tikkun, vol. 2, n. 5. sl. sd. Saiba mais sobre Tel Aviv. Folha de São Paulo, São Paulo:web.07/05/2008.
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u398887.shtml>>. Acessado em: 10/01/2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e Narração em W. Benjamin. 2ª edição. Ed. Perspectiva, São Paulo: 2004.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. O lugar teórico do espaço ficcional nos estudos literários. SI,: web, 2010.

GROPIUS, Walter. Bauhaus: nova arquitetura. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

HABERMAS, Juergen. "Arquitetura moderna e pós moderna". In: Novos Estudos Cebrap, n. 18, set. de 1987, pp. 115-124.

HARIS, Rachel. Decay and Death, Urban Topoi in Literary Depictions of Tel-Aviv. Israel Studies, web: Indiana Univ. Press. Vol. 14, N 3, 2009, pp. 75-93. Indiana University Press.

HEFFES, Gisela. Las ciudades imaginarias en la literatura latinoamericana. Rosario, Ed. Beatriz Viterbo, 2008. (Ensayos Criticos).

Jewish Encyclopedia. Nova Iorque: Macmillan Company, 1971-72 [verbetes: development towns, Tel Aviv].

KANG, Jaeho. "O espetáculo da modernidade – a crítica da cultura em Walter Benjamin". Novos Estudos n. 84, julho de 2009, p. 221. (pp. 215-233)

KELLMAN, S. "The Review of Contemporary Fiction", Fall, 2003 . acessado em: 18/12/2008.

KIMMERLING, Baruch. "Fim da hegemonia askenaze". Jerusalém: Keter Publishing House, 2001. Título original: Ketz Shilton Hashusalim, Tradução e notas: Gabriel Mordoch, em: Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, no prelo

KIPNIS, Baruch A. "Tel Aviv, Israel - a world city in evolution: urban development at a deadend of the global economy ". GaWC Research Bulletin #57, in GaWC site: www.lboro.ac.uk/gawc, 2001.

KNOPLICH, José. Iluminismo Judaico. São Paulo: Federação Israelita do Estado de São Paulo, 1974.

LAQUEUR, Walter. Historia del sionismo. Primeira edición abreviada en español. Israel: Ed. La semana, 1988.

LE GOFF, Jacques. Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. Tradução: Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão). 10ª ed, São Paulo: Ed. Ática, 2000.

LELCHUK, A. ,Homeland and Haywire. in: THE NEW YORK TIMES, 21/04/1985, <<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9C00E7D61138F932A15757C0A963948260&sec=&spon=&pagewanted=print>>. Acessado em: 10/01/2009.

LEVINE, Mark. "Conquest through town planning: the case of Tel Aviv, 1921-1948". Journal of Palestine Studies. Univ. Of California Press, Vol. 27, N. 4, 1998, pp. 36-52.

LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ed. Ática, 1976.

LÖWY, Michel. Walter Benjamin: aviso de incêndio - uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo Editorial. 2005.

LUKÁCS, Georg. A teoria do romance -- Um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2000. (Coleção Espírito Crítico).

LUKÁCS, Georg. História e consciência de classe: estudos de dialética marxista. 1ªEd., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MELLO, Ludmila G. Ribeiro de. Espaços cruzados: um jogo entre metrópole e colônia. XI Congresso Internacional da ABRALIC, USP – São Paulo, Brasil, web.

MENDONÇA, Márcia Rejany. “As faces do espaço urbano na literatura”. Ensaio e Ciência, dezembro, ano/vol. 4, número 003, pp. 69-82, 2000.

MINTZ, Alan. “The boom in contemporary Israeli fiction”. Acessado em 10/01/2009: http://books.google.com.br/books?id=OQ475c4-2U4C&pg=PA13&lpg=PA13&dq=%22past+continuous%22+shabtai&source=bl&ots=BQ8OTdt4PG&sig=p1wYhL950Vh_5eaA9h8gwNYDbkU&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=6&ct=result#PPA40,M1

MORRIS, Benny. CITAR OBRA. 2000, p. 32 apud Schwartzman, opus cit, p. Welcome to the white city. Municipality of Tel Aviv-Yafo, 2006.

MUNK, Yael. False Nostalgia and Cultural Amnesia: The City of Tel Aviv in Israeli Cinema of the 1990s Shofar: An Interdisciplinary Journal of Jewish Studies - Volume 24, Number 4, Summer Estado de São Paulo na edição do dia 7 de junho de 2000, reproduzida em Dois palhaços e uma alcachofra, p. 257-268.

PINDER, David. Visions of the City: Utopianism, Power and Politics in Twentieth Century Urbanism, Edinburgh, Ed. Edinburgh Univ. Press, 2005.

RABIM, Haim. Pequena história da língua hebraica, trad. Rifka Berezin, São Paulo: Summus

RAM, Uri. “Postnationalist Pasts: The Case of Israel” in Social Science History, Vol. 22, No. 4, Special Issue: Memory and the Nation (Winter, 1998), pp. 513-545. LOCAL: Duke University Press on behalf of the Social Science History Association Stable. <http://www.jstor.org/stable/1171574> Accessed: 19/06/2009.

INSTITUTO MORASHÁ. Revista Morashá: São Paulo, [s.n], nº 44, março de 2004, pp.1-3.
<http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=440&p=0>. Acessado em: 09/01/2009. A guerra da Independência. Revista Morashá (web). Edição 41 - Junho de 2003.

ROSEN, Edward. Kepler's Somnium, the dream, or posthumous work on lunar astronomy. New York: Dover Publications, 2003. Reedição

ROZENCHAN, Nancy. Literatura Hebraica – Vertentes do século XX. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

RUBINSTEIN, Keren. Yaakov Shabtai and Tel Aviv, the terrible transformation. Australian Journal of Jewish Studies. Vol. XVI, 2002.

SARAIERH, Dafer Y. & Khattab, Abdul-Qader A. The narrator's transformation in James Joyce's Ulysses. web. sl, sd.

SCHVARTZMAN, G. S. A montanha azul de Meir Shalev: uma leitura pós-sionista da sociedade israelense, FFLCH-DLO, tese, 2005.

SEABRA, Odete Carvalho de Lima. "Territórios de uso: cotidiano e modo de vida". In: Cidades, vol. 1, n. 2, julho a dezembro de 2004, p. 181-206.

SEGAL, Rafi & WEIZMAN, Eyal (editores). A civilian occupation: the politics of israeli architecture (the banned catalog), Israel e Londres: Babel e Verso, 2003.

SEGUEV, Tom. 1949 The First Israelis. New York: Owl Books, 1998.

SEGUEV, T. Elvis in Jerusalem. New York: Metropolitan Books, 2002.

SHABTAI, Y. Passado Contínuo. Tradução Nancy Rozenchan, Rio de Janeiro: Imago, 1996. זכרון דברים (Zchron Dvarim), Ed. Hakibutz Hameuchad, 1977, 1985, 1994, 1998, 2004, 2005 e Past Continuous, tradução de Dalya Bilu, Philadelphia: The Jewish Publication Society, 1985.

SIMMEL, GEORG. "As grandes cidades e a vida do espírito [1903]". Trad. Leopoldo Waizbort. Mana, 11(2), 2005, pp. 577-591

SOCKER-SCHWAGER, Hannah. A goodless city: Shabtai's Tel Aviv and the Secular Zionist Project. Prooftexts - Volume 26, Number 1&2, Winter/Spring 2006, pp. 240-281

URI, Ram. "Pasts: The Case of Israel" Social Science History, Vol. 22, No. 4, Special Issue: Memory and the Nation (Winter, 1998), pp. 513-545 Published by: Duke University Press on behalf of the Social Science History Association Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1171574> : 19/06/2009, p. 532.

WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade na história e na literatura. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

ZERUBAVEL, Yael. Mythological Sabra and the Jewish Past, Trauma, Memory, and Contested Identities. Israel Studies, v. 7, No. 2 (Summer 2002).

ZIMMERMAN, Nadya. Musical form as Narrator: The fugue of the Sirens in James Joyce's Ulysses, p. 109. ARTIGO MUSE.

Bibliografia complementar

ALTER, Robert. Imagined cities - urban experience and the language of the novel. EUA, Yale

AUERBACH, Erich. Ensaio de literatura ocidental-Filologia e crítica. 1ª Ed. São Paulo: Duas Cidades & Ed. 34, 2007.

BEREZIN, Rifka, "Dicionário Hebraico-Português. Edusp: São Paulo, 1995.

BROCKMEIER, J. & HARRÉ, R. Narrative: problems and promises of an alternative paradigm. *Psicologia: Reflexão e crítica*. [S.l:s.n.], 16(3), pp. 525-535, 2003.

BRUNNER, J. Atos de significação. Tradução Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNNER, J. Life as narrative. *Social Research*. [S.l.], Vol 71, nº 3, 2004

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 8 Ed. São Paulo: T. A. Queiroz Ltda., 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro)

GUINSBURG, J. Guia histórico da literatura hebraica- Do período Pós-Bíblico à criação do Estado de Israel. São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

HARVEY, David. A justiça social e a cidade. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

IRAZÁBAL, Clara. Do Pruitt-Igoe ao World Trade Center, planejando a ex/implosão do (pós)modernismo. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* – v.5, n.1, 2003. Associação, 2003.

JAMESON, Frederic. A cidade do futuro. *Libertas on line*. Web, Juiz de Fora, v.4, n.1, p. 117 - 135, jul / 2010.

JAMESON, Frederic. A política da utopia. Sl, sd: pp. 159-176. [documento pirata da internet].

JOYCE, James. *Ulisses* 2ª Ed. São Paulo: Ed. Circulo do livro S/A,1975.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. 5ª Ed. Belo Horizonte: Centauro Editora, São Paulo, 2008.

LEFEBVRE, Henri. A re-produção das relações de produção. Porto: Publicações Escorpião, 1973.(O homem e a sociedade).

MANN, Barbara. Modernism and the Zionist Uncanny: Reading the Old Cemetery in Tel Aviv. *Representations*. University of California Press, n. 69, Special Issue: Grounds for Remembering, 2000, pp. 63-95.

PAPPE, Ilan. A History of Modern Palestine: One Land, Two Peoples. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

RICOEUR, Paul Tempo e Narrativa, Tomo II, Ed. Papyrus, 1995.

RODRIGUES, André Figueiredo. Como elaborar referência bibliográfica. 5ª ed., São Paulo: Associação Editorial humanitas, 2005. (Coleção Metodologias, Vol. 1).

SENKMAN, L. "La memoria y la identidad nacional israelí bajo el lente crítico del "postsionismo": una introducción", in Cadernos de Língua Hebraica , São Paulo: Ed. Humanitas, 2010.

SPIRO, Melford E. Kibbutz- Venture in Utopia. Cambridge: Harvard University Press, 1970.

VELHO, Otávio Guilherme (Org). O fenômeno urbano. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1979.(Biblioteca de Ciências Sociais).

WALDMAN, Berta. Linhas de força: Escritos sobre literatura hebraica. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

WARREN, Austin e WELLEK, René. Teoria da Literatura. 2ª ed.. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

WEBER, Max. A dominação não legítima (tipologia das cidades). In: Economia e sociedade. . 2. Trad. Regis Barbosa & Karen Elsabe Barbosa. Rev. Téc. Gabriel Cohn. Brasília/São Paulo, Editora UnB/Imprensa Oficial, 2004 [1921], pp. 408-517.

WISSE, Ruth R. The Modern Jewish Canon: A Journey Through Language and Culture. Chicago: University of Chicago Press, 2003.